

RIO VERDE

e Sua Cultura



Tânia Mara de Matogrosso

Lenda dos Índios Caiapós

Índios que habitavam a região das cidades de Rio Verde e Coxim.

Os Caiapós eram formados por três aldeias. Havia um grande chefe, chamado Curuxim. Este chefe tinha três filhos.

Quando o grande chefe Curuxim morreu, seus três filhos, desentenderam-se, e não conseguindo manter a união das tribos, resolveram separar as aldeias.

A maior parte deles, habitavam o alto do Rio Taquari, em Coxim.

Outra aldeia, era quase no Pantanal Mato-Grossense, descendo a Serra da Pimenteira, perto do Rio Inhúma. Esses eram os mais selvagens. Bons caçadores, e gostavam de percorrer quase toda a região, indo muitas vezes, além do Rio Negro.

Todos sobreviveram da pesca e caça, muito farta, naquelas regiões.

A terceira Aldeia ficou localizada na região de Rio Verde.

Nas margens do rio, nas imediações da rua: Porfírio Gonçalves, esquina com a rua António Raposo Tavares, onde está situada atualmente a casa do Senhor Sebastião Nantes.

Era uma aldeia tranquila e equilibrada.

Viviam em choças. (Pequenas cabanas feitas com palhas).

Se alimentavam dos peixes, caças e frutas silvestres.

Eles eram os herdeiros dos seus ancestrais e viviam em paz, tranquilos, em perfeita harmonia, com equilíbrio em toda aquela beleza e fartura, que a própria natureza lhes oferecia.

A Pesca era abundante, e a caça também, devido aos grandes cerrados que existiam naquela época.

Os primeiros brancos que os índios conheceram, foram os 3, que vinham da Capitânia de São Paulo, no século XVII. Os Bandeirantes, homens fortes, destemidos e interesseiros, chegavam à procura de ouro, diamantes e também pelas riquezas das novas descobertas, pelo próprio progresso.

Mas o objetivo principal era capturar os índios e levá-los para a Capitânia de São Paulo, para que trabalhassem como escravos para os colonos nas lavouras.

Os brancos penetravam pelo varadouro existente entre o Rio Pardo e o Ribeirão de Camapuã, daí seguiam pelo Rio Coxim, onde chegavam ao Taquari, em busca das terras e riquezas naturais dos Caiapós.

Além de tudo, ainda levavam os índios aprisionados, e os tratavam como animais. Eram fortemente aprisionados.

Os índios levados, passavam as piores provações.

Eram separados de suas famílias, mal alimentados, levando cargas pesadíssimas, em condições desumanas, e muitos morriam pelo caminho,

e ali mesmo ficavam, sem direito nem mesmo a um enterro.

Isto acontecia no ano de 1729.

Na região de Coxim, foram se concentrando alguns homens, no estabelecimento de Domingos Gomes Belliago, à margem direita do rio.

Nos meados do mesmo ano, a região começou então a ser devastada, com muita Intensidade, e em consequência disto, o progresso ia ficando cada vez maior para os homens brancos.

Os índios Caiapós vendo o sofrimento dos seus Irmãos, que eram levados à força para a dura missão escravocrata, se revoltaram.

Compreendendo que os pequenos presentes dados pelos brancos como: Colares, pentes, espelhos, bebidas, charutos, outros acessórios e utensílios, eram tudo uma grande ilusão.

A liberdade deles era a coisa mais importante.

Os brancos prendiam as índias mais novas, para engravidar, e assim continuar a reprodução de escravos índios.

Nos dias atuais, chamamos isto de prostituição e estupro, porque os primeiros cruzamentos de índias com os homens brancos, fel feto praticamente a força.

Querendo viver em paz, sem ter que lutar, os índios resolveram se mudar para um lugar mais afastado, que hoje é chamado de Palmeiras.

E assim, por algum tempo, conseguiram seu intuito, vivendo em perfeita

harmonia, com a beleza natural do lugar.

Muitos anos depois, em 1735, a região central de Coxim, já estava quase por completo, com total ausência de índios.

Eles preferiram não incomodar, mas também não queriam ser mais importunados.

Muitas vezes, optavam pela própria morte.

Queriam total distância dos homens brancos e de seus abusos.

Mas mesmo assim, eram levados, capturados pelos Bandeirantes.

Outros morreram de doenças trazidas pelos homens. A própria peste.

No ano de 1736, novos elementos descendo o Rio Pardo e o Ribeirão Camapuã, seguindo pelo Rio Coxim, trouxeram novamente para os poucos índios Caiapós que ainda resistiam na região, novos e muitos sofrimentos.

Nossos índios eram humildes, curiosos e desconfiados.

Como já sabiam através de seus pais e avós, todos os grandes apuros, que seus antepassados, anos atrás, já haviam passado, e muitos até morrido, corriam quilômetros e quilômetros, para não terem nenhum contato com os homens brancos, e ficaram bem longe dos seus abusos.

Muitos Bandeirantes tinham amor à Pátria, ao rei e respeitavam

Mas a maior parte deles, eram verdadeiros hipócritas, baderneiros e fazedores de fortuna, às custas dos mais fracos.

Eles tentavam de todas as formas, escravizar os índios, em toda parte

do Brasil. Tudo era inútil.

Nossos índios eram fracos, e quando estavam em contato com os brancos, ficavam fogo doentes, morriam com a peste, de desgasto ou raiva.

Eles sentiam na alma que tinham nascido para serem livres, e só poderiam continuar vivendo em liberdade.

Eram brandos e Passivos.

Tinham os Caiapós, olhos pretos, cabelos bem lisos, e também muito compridos, indo às vezes, além dos ombros; a estatura era mediana, e a pele morena avermelhada.

O idioma que eles mais usavam, era o Tupi-Guarani.

As mulheres se ocupavam da limpeza da choça, das plantações de milho, mandioca e outros alimentos.

Nesta época, um fugitivo da justiça, que havia escapado da força, na Capitânia de São Paulo, veio junto com alguns bandeirantes e foi entregue aos Jesuítas, para que se tornasse um religioso.

Era filho de um espanhol e uma paraguaia.

Este homem era um ladrão. Costumava roubar dos ricos, para distribuir aos pobres.

Sua fuga da força teve a ajuda de muitas pessoas, que a ele eram gratas.

Seu nome: José de Mitro.

Ficou vários anos em Camapuã, onde conseguiu o respeito e admiração de todos. Era muito querido.

Algum tempo depois, resolveu subir um pouco mais.

Junto com dois amigos encilharam seus cavalos e partiram, vindo parar em Coxim.

Vieram à procura de pedras preciosas, porque tinham ouvido falar que naquelas redondezas, havia muitas, e todos tinham loucura para se tornarem ricos, poderosos e soberanos.

Mas logo que chegaram, ouviram falar dos índios Caiapós.

No dia seguinte, reuniu seus amigos, e pediu que eles o acompanhasse até os índios, que ficavam à quilômetros de cruzamentos de Coxim a Taquari.

Seus amigos entretanto, recusaram. Eles queriam riqueza e poder, e não simplesmente conhecer índios selvagens, com os quais não teriam lucro algum.

José de Mitro, tinha nesta época, trinta e dois anos de idade, era alto, claro, olhos verdes, cabelos claros, queimados peio sol.

Era um homem muito alegre e simpático. Virá sempre sorrindo.

Usava roupas grosseiras: calças e colete de couro, chapéu de abas largas e grande.

Às vezes deixava a barba crescer, mas sempre que podia, fazia sua

higiene completa.

Em convívio com os jesuítas, fez na região, vários negócios, conseguindo assim, juntar um bom tanto de pedras preciosas e algumas moedas de ouro.

José de Mitra resolveu que iria conhecer os índios.

Se preparou no mesmo dia, juntou suas economias deixando com um amigo, avisou que iria partir à noite da região.

A viagem era dura e cansativa.

La pelos cerrados, tentando encontrar a qualquer custo, algum sinal dos índios Caiapós.

Dois dias depois, sentiu a presença de vida, mas disfarçadamente, fingia que não os via.

No terceiro dia de viagem, José de Mitro, observou de certa distância, uma grande choça e sinal de fumaça.

Desceu do cavalo e segurando as rédeas, vagarosamente seguiu em direção a mesma.

Continuava a sentir a presença de alguém, que o observava, não muito de longe.

Parou, tirou o chapéu, coçou a cabeça, colocou um cigarro de palha na boca, mordeu a ponta, cuspiu no chão, e acendeu.

Continuou a andar e minutos depois ouviu o barulho forte das águas,

sentindo o ar se purificar, naquele fim de tarde.

Sentindo necessidade de descansar, e se alimentar bem, pois estava muito cansado da viagem, resolveu parar. Mas mesmo assim sentia-se muito feliz.

Havia realizado parte do seu sonho. Tinha encontrado os índios Caiapós.

O próximo passo, seria aproximar-se deles a conhecê-los.

Era curioso e obstinado.

Quando desejava algo, nada e ninguém, o fazia mudar de idéia.

Continuou andando, e logo, avistou alguns índios com flechas e varas nas mãos.

Pensou então: será que só existem guerreiros nessa tribo?

Um dos índios, neste momento, falou alguma coisa, em uma linguagem estranha, que José de Mitro não entendeu muito bem.

Mas compreendeu que era para que ficasse parado.

Tirou rapidamente o seu chapéu, o cinturão de couro, que já estava velho e surrado pelo tempo, e jogou tudo ao chão, juntamente com todas as suas armas.

Três dos índios, se aproximando, seguraram José de Mitro pelos braços e o levaram pra dentro da única e grande choça.

Lá dentro, estava um velho índio, com uma barbicha, muito rala e branca, fumava um cachimbo, sentados em um banco de palha, trançado, que os próprios índios faziam.

O forasteiro brincalhão e destemido, sempre sorrindo.

O velho chefe, simpatizou-se com ele, retribuindo lhe o sorriso, oferecendo o cachimbo da paz e da amizade.

Num dos cantos da choça, José de Mitro, observou, com muita pena, que havia vários índios jogados em cima de esteiras, muito magros e abatidos.

Estavam todos muito doentes.

Penalizado, foi até os índios, e pegando um por um, balançava a cabeça, enquanto pensava, o que poderia estar acontecendo com eles.

José de Mitro, entendia vagamente o que os índios diziam, pois já havia convivido com os Jesuítas e outras tribos.

Mas cada uma era diferente das outras.

Cada tribo tinha sua própria maneira de agir, sua cultura, maneira diferente de falar, de agir e reagir, ao decorrer do dia.

O velho chefe índio, aproximando-se de José de Mitro, tocou o seu braço, como estava indagando, tristemente com a cabeça, se ele sabia a cura para aquele mal, que atacava os seus índios.

Sempre pensando mais nos outros, do que em si mesmo, José de Mitro,

bateu levemente no ombro do velho e balançou a cabeça, afirmativamente.

Todos que estavam ali, ficaram cheios de esperança e sorriram.

O brincalhão do José de Mitro, também sorriu de toda aquela inocência, mas continuava pensando consigo mesmo, porque até aquele momento só tinha visto índios machos.

Saiu da choça, pendurando seu chapéu em um pau seco, e saiu caminhando em direção ao grande rio.

Voltou alguns minutos depois, pegou uma cabeça coitada, colocando dentro algumas raízes e folhas, que havia recolhido na mata, e amassando tudo muito bem, misturando com água.

Foi até os índios doentes, e fez com que cada um deles, bebesse aquela mistura

O remédio parecia fel. Amargava muito, e tinha cheiro ruim. Mas os índios para fugir da morte, faziam qualquer coisa.

Eles só se conformaram com a morte, quando já estavam muito velhos, e achavam que tivessem cumprido do a sua missão.

O mais doloroso para eles era morrer de doença, enquanto novos.

Para os Caiapós, se morressem pescando, caçando ou até mesmo lutando, era uma dádiva dos céus.

Uma semana se passou depois que José de Mitro chegou. Ele já sentia como se estivesse em sua própria casa.

Os índios estavam se recuperando, graças ao remédio de José de Mitra. Jovem bom e simpático, que trouxeram para seus filhos, a saúde, e para toda aldeia, alegria.

Os Caiapós não permitiam que fizesse nada. Até a água para beber, lhe era dada nas mãos. Sempre muito bem tratado.

Com os dias que tinham se passado, José de Mitro descobriu pé a tribo era composta de velhos, jovens, crianças e mulheres...

Mas o costume era de na presença de estranhos, fugirem os mais fracos como as mulheres e as crianças.

Eles se embrenhavam pelo cerrado, ou em pequenas embarcações e fugiam, temendo os maus tratos dos homens brancos.

A aldeia naquela região, era pequena: contava-se entre todos os Êxitos apenas cento e cinquenta e quatro jovens, dezesseis velhos, dez velhas, umas trinta mulheres, vinte e três crianças e apenas umas quatorze moças, na faixa de idade entre treze e dezesseis anos.

Haviam ainda os índios guerreiros, que estavam em Idade mais ou menos entre os quinze a trinta anos.

Alguns índios e José de Mitro, percorreram o rio, durante vários dias.

Sua curiosidade era muita. Tinha sede de conhecer o mundo. Para ele, tudo o que via, era sempre pouco.

Passaram-se três semanas, e José de Mitro resolveu voltar ao

cruzamento do Rio Coxim com o Taquari, onde havia deixado seus amigos acampados.

Ao chegar ao local, notou a indiferença, e sentiu que na frente dele, os amigos mal conversavam.

Um deles estava muito nervoso e estúpido com José de Mitro, dando respostas secas a todas as perguntas que lhe fazia.

José de Mitro se banhou, fez a barba, depois sentou-se novamente ao lado dos amigos.

Eles continuavam silenciosos e inquietos.

Pensativo, José de Mitro disse: Acho que vocês estavam pensando que eu já estava morto, ou que talvez os índios fossem canibais.

Os amigos nada respondiam, e José de Mitro achava cada vez mais estranha aquela atitude deles.

Mas mesmo assim, continuou a contar o que havia se passado, aos seus companheiros.

O mais velho, fazia calmamente um cigarro de palha, e o mais novo coçava a cabeça, com uma varinha de bambu.

José de Mitro perguntou-lhes o que tinham feito durante a sua ausência. Se eles iriam ficar naquela região, ou se iriam embora.

No entanto, nenhum dos dois amigos respondera absolutamente nada.

Continuavam muito misteriosos.

Achando que eles estavam zangados, com sua eventual demora, quis se justificar, dizendo que encontrara os índios Caiapós, e que muitos deles estavam doentes, resolvendo ficar mais alguns dias para ajudar, e como estava achando agradável a estadia, ficou na aldeia mais tempo do que esperado.

Achou que desta forma havia sido compreendido pelos amigos e ficou aguardando.

Mas ao escurecer, daquele mesmo dia, levou uma forte paulada na nuca, desmaiando em seguida, foi fortemente amarrado e depois espancado por um homem estranho, que havia sido pago para fazer aquilo com ele, pelos homens que José de Mitro considerava, e tinham sido seus companheiros de viagem.

Os dois homens fugiram apressadamente, pensando que ele estava morto, levando todas as economias que o jovem forasteiro, havia conseguido juntar no decorrer de muitos anos.

José de Mitro, ficou em estado lastimável. Sangrando muito, e com feridas por todo o corpo.

Mas aconteceu que três índios Caiapós, haviam resolvido seguir o homem branco de longe, e graças a isto, José de Mitro conseguiu sobreviver.

Os índios o desamarraram, carregaram-no para o rio, lavando todo o

seu corpo com ervas do mato. Depois o envolveram com folhas e o deixaram embaixo de uma árvore, para evitar que no dia seguinte tomasse sol forte.

Perto dele, colocaram peixe seco e água. Tudo ao alcance.

Os índios embarcaram numa canoa, em perseguição aos homens que tinham feito com José de Mitro.

Mas os fugitivos iam longe. Só que eram dois a remar, e os índios eram três.

Os Caiapós tinham habilidades com a canoa, as águas, e estavam muito acostumados com a escuridão, além de conhecerem muito bem toda aquela região, e principalmente, o rio.

Estavam enfurecidos e queriam vingança.

O jovem branco era amigo dos índios Caiapós, e eles se sentiam na obrigação de ajudá-lo.

Faltava apenas duas horas para que clareasse o dia.

Havia uma grande corredeira, e os índios que já sabiam disto, desembarcaram seguindo a pé pelos barrancos.

Ao amanhecer, encontraram a velha canoa dos fugitivos que se diziam amigos de José de Mitro.

Mais estava completamente vazia, e até hoje não se sabe o fim que levou aqueles homens.

Os índios retornaram então ao local onde tinham deixado o amigo

branco.

Fizeram uma maca improvisada, amarraram-na no cavalo, colocando o doente em cima, e seguiram puxando-o pelos cerrados a fora.

Achavam que desta maneira era mais fácil de evitar o sol forte, pois o amigo já queimava em febre. Dele, só se ouvia os gemidos e de vez em quando, um pedido de água.

No dia seguinte, chegaram à aldeia. Todos ficaram muitos tristes e revoltados, querendo ajudar de qualquer maneira.

Três dias se passaram, até que um homem, já ancião, que morava alguns quilômetros à frente, para o Norte, começou a lhe trazer leite de égua para beber.

Pablo era um homem solitário, que vivia da caça e pesca.

Tinha vários animais, e de vez em quando, resolvia plantar algumas coisas.

Já era muito velho naquela região. Só aos índios Caiapós conhecia há mais de trinta anos.

Conversava com eles corretamente, e numa de suas visitas a tribo, trouxe sua égua para que fosse tirado o leite, pra que o jovem José de Mitra bebesse e também passasse nos olhos, pois devido aos ferimentos, estava ficando quase cego. O velho Pablo estava penalizado com a situação do rapaz.

Semanas depois, o jovem, já estava se recuperando, mais ainda mancava de uma das pernas. Mas já sentia-se bem melhor.

Pablo e José de Mitro tornaram-se grandes e verdadeiros amigos. E o jovem agradecido, morou algum tempo com o velho, no rancho que possuía.

E com ele aprendeu a falar corretamente o idioma dos índios Caiapós, e assim ficou sabendo também da existência de outras tribos que ficavam em Rio Verde, e na descida da serra da Pimenteira.

José de Mitro já estava totalmente familiarizado com os índios Caiapós.

Três meses depois, sentiu novamente, aquela necessidade de andar pelo mundo a fora, conhecer mais e mais.

Convidou o velho Pablo, que sorrindo, explicou-lhe quê: se fosse alguns anos mais novo, não hesitaria em aceitar o convite, mas como já estava com a idade muito avançada, cansado e quase cego de uma das vistas, seria apenas um grande fardo, atrasando sua viagem, que seria longa e cansativa. Disse que aquele lugar em que morava, era o seu mundo, e que deveria permanecer ali até o fim de seus dias, mesmo que fosse em total solidão.

Contavam que Pablo havia descoberto uma grande fonte de diamantes, e uma boa parte deles estava enterrada ali. Mas ninguém sabia dizer onde. Diziam que Pablo ficava no lugar, para proteger as suas riquezas, seu grande tesouro, que ninguém nunca vira, e que não serviam

para nada.

Numa linda manhã de Primavera, José de Mitro, com mais dois índios, se despediram de todos e partiram, prometendo voltar assim que pudessem.

E foi nesta manhã, do início da grande caminhada, que foi dado o primeiro passo para a reconciliação e união de todas as tribos Caiapós, ainda existentes.

Os três seguindo viagem iam descobrindo todas as maravilhas existentes na natureza, e do nosso passado.

Tudo para eles era como um raio de sol, que fortificava os ânimos e os conduzia mais além.

Com três dias de caminhada, já haviam atravessado vários campos, cerrados, matas e rios.

Mas aquele momento avistavam um morro, muito grande e arredondado, que dava a impressão, que se chegassem ao topo dele, poderiam enxergar muito longe.

Para os índios inocentes, aquilo era o fim do mundo, mais para José de Mitro, a idéia era bem diferente.

O jovem branco, destemido, sabia que dali enxergaria longe sim, mais que o mundo era bem grande, e que depois daquele morro, haveria muitas outras aventuras.

José de Mitro não queria parar, e os indígenas amedrontados,

resolveram acompanhar o amigo na subida do morro.

Eles sabiam que ia ser difícil demais. Mas como querer é poder...

Levaram quase cinco horas, até conseguirem chegar onde pretendiam.

A visão era fantástica!

O pôr do sol visto dali era de extasiar qualquer um ser vivo, que no momento estivesse presente.

A vegetação era pouca, mas a vista era deslumbrante.

Mas por incrível que possa parecer, encontraram ali, uma velha e surrada de couro, com as siglas: P.M.C.L. e mais embaixo outra: M.S.

Ao lado tinha uma panelinha de ferro e um punhado de ossos, deteriorados pelo tempo.

José de Mitro calculou pelos esqueletos, que já devia ter se passado uns três anos, que alguns homens, bravos e destemidos, curiosos e desbravadores, tinham conseguido também aquela façanha de escalar aquele morro.

Os índios Caiapós deram o nome de Morro Maratuã na época.

Mas hoje é chamado de Morro do Padre. (Castelo)

Daquele lugar, poucos foram os que conseguiram presenciar o nascer do sol e ficar esperando para ver também quando a grande estrela se recolhia, em todo seu único esplendor.

Cansados da viagem, e admirados com tanta beleza, resolveram dormir

em cima do morro.

Aquele esplendor da natureza chegava a ser divino.

Os Caiapós não se cansavam de colocar as mãos para o alto, como se estivessem agradecendo ao céu e ao Criador, por todas aquelas novidades e belezas que estavam participando.

Recostado em uma árvore, perto de uma grande pedra, o jovem branco, enquanto fazia o seu cigarro de palha, observava aquele deslumbramento dos índios e pensava consigo mesmo: se estes bobos não se aquietarem logo, será só índios descendo morro abaixo.

Assaram uma carne seca, preparada por José de Mitro, conversaram e beberam água que eles traziam em Purungas, (uma espécie de cabaça, cartada no bico), e que renovavam nos riachos por onde passavam, sempre com água fresca.

Admiravam o céu estrelado. À noite, calma. As estrelas pareciam que estavam bem perto deles, como se pudessem pegá-las.

O ar puro trazia uma brisa fresca que fazia com que os três se sentissem no próprio paraíso.

Logo Adormeceram.

No dia seguinte, o jovem branco acordou os índios, e mostrando-lhes o sol que despontava, iniciaram cuidadosamente a descida do imenso morro.

Banharam-se no riacho e continuaram andando. Estavam cansados, mas felizes.

Alimentavam-se das caças que conseguiam, da pesca e de vez em quando comiam algumas frutas silvestres, comuns na região.

Levavam com eles uma espécie de mandioca, feito farinha, que os índios faziam, e misturavam na carne assada.

Como na parte da tarde, o sol era muito escaldante, resolveram descansar, embaixo de uma grande árvore, até o escurecer.

Começaram a caminhada pela noite adentro, sendo guiados pelo instinto dos índios.

Dois dias depois chegavam ao grande chapadão protetor, que os índios chamavam de Ghucunha.

Este nome foi dado ao monte, porque na chegada da aldeia ele era visto tanto pelas pessoas que vinham do Norte, como pelas outras que vinham do Sul.

Ao verem o grande monte, que se distanciava, e sumia de suas vistas, os dois Caiapós, novamente se alegraram, e entre eles comentavam com euforia, que neste monte, daria para eles correrem em cima, pois era cumprido, e não arredondado como o morro do Padre.

José de Mitro teve que ralar várias vezes com os índios, para que estes o acompanhassem até a beira do Rio Verde, onde encontrariam a

outra aldeia dos Caiapós, que era a Principal.

Disse aos indígenas, que depois disto, eles teriam a vida inteira pela frente, para subir e descer aquele monte.

Precisavam descansar um pouco mais.

José de Mitro não via à hora de chegar à aldeia principal dos Caiapós, mas um seus companheiros estavam indeciso e não se lembrava mais da localização da aldeia. Se ficava na margem direita ou esquerda do rio.

Ele havia nascido naquela aldeia, mas saíra de lá, ainda muito criança.

Quando os índios Caiapós enjoavam de um lugar, ou se desentendiam, eles procuravam seus parentes em outras tribos, nas outras aldeias.

Mas a aldeia de Rio Verde, continuara lá, e permaneceria pela vida inteira.

Ao avistarem a aldeia de Rio Verde, sentiram-se entusiasmados e aceleraram os passos, cada vez mais.

De Mitro, com suas pernas compridas e fortes, tinha os passos largos, e os Caiapós, que eram baixos, sentiam dificuldades em acompanhá-lo.

Os índios pescavam, caçavam e faziam caminhadas, mas mesmo assim, eram menos andarilhos do que o jovem forasteiro.

Lutavam e matavam às vezes, para defender a própria vida, e também as aldeias.

Gostavam muito de dançar, tanto paia festejaram, ou muitas vezes

para pedirem chuvas ao Criador, e também quando se sentiam ameaçados, ou até mesmo quando morria alguém muito querido.

Todas as noites de lua cheia, faziam um ritual sagrado à grande mãe lua. E nestes dias, longe, muito longe, se faziam ouvir os tambores que ecoavam, seus belos batuques, levados pelo vento.

José de Mitro tinha uma resistência física muito boa, e era mais forte até do que muitos guerreiros Caiapós.

Sempre se alimentava muito bem.

Já havia percorrido boa parte do território brasileiro, junto com os jesuítas, que eram os maiores protetores dos nossos índios, naquela época.

O principal objetivo deles, era catequizar os índios. Mas no início era muito difícil, sem muito resultado.

Os índios tinham seus próprios rituais sagrados, ao criador de tudo. Mas com o tempo, muita paciência e resignação, os jesuítas fizeram suas vidas, e intenções, tudo de bom que podiam fazer pelos nossos índios.

No começo era muito difícil a catequização dos adultos, e por isto resolveram iniciar o trabalho pelas crianças da aldeia.

Estes, curiosos e em fase de crescimento, gostavam muito da companhia dos jesuítas religiosos.

Alguns deles tocavam instrumentos e cantavam com alegria, músicas em louvor e glória ao Criador.

“Os jesuítas fora os padres da companhia de Jesus, que se dedicaram de corpo e alma, a árdua tarefa de conduzir os índios brasileiros ao Cristianismo, e os incorporavam à vida religiosa, e também à sociedade.

Os índios catequizados, eram reunidos numa aldeia separada, para que se habituassem com a melhora de vida, social e também Cristã.

Muitos dos nossos jesuítas representavam para o nosso país, a força principal de amor ao próximo, resignação, peregrinação e humanidade.

Eles não eram simplesmente, apenas os catequistas. Eram também os moralizadores dos colonos e defensores incansáveis de nossos índios.

Eram os educadores dos filhos dos colonos, como também das raças indígenas que eles tinham acesso.

Era grande o número de jesuítas que se ocupavam da missão religiosa e humana, frente ao nosso país.

Eram treinados para suportar com humildade e muito amor as provações por qual teriam que passar.

Tiveram grande importância cultural, material e espiritual, principalmente.

Entre os jesuítas que mais se destacavam em nossa história e até mesmo na política do nosso país foram os padres: José de Anchieta e Manuel da Nóbrega.

Padre Manuel de Nóbrega era português. Estudou em Coimbra. Tornou-

se religioso, e pelas suas grandes qualidades, foi escolhido com eficácia pelos seus superiores, para chefiar no Brasil a primeira missão dos jesuítas. José de Anchieta se destaca em nossa história. Ele teve valor inestimável para o Brasil. Era historiador, filósofo, poeta, escreveu varias peças teatrais que foram bem representadas pelos índios cristianizados. Foi autor da primeira gramática da língua tupi. Língua esta que falava corretamente. José de Anchieta nasceu nas ilhas canárias (Tenerife). Estudou em Coimbra. Foi consagrado por sua inteligência e boa vontade, chegou aqui no Brasil noviço. Enviado para São Vicente. Esteve com Manuel da Nóbrega na missa de consagração do colégio de São Paulo. José de Anchieta morreu cercado pelos índios que tanto amava.

Trouxe com ele, inúmeros missionários e os distribuía, por vários lugares, onde fossem necessários.

Naquela época, as mulheres dos colonos , eram as mais religiosas.

Os colonos eram sempre contrários aos ensinamentos dos jesuítas.

Eram pessoas ruins, que matavam, roubavam, adulteravam e zombavam da fé alheia. Não tinham respeito por ninguém.

Eram egoístas, hipócritas, e a ambição crescia cada vez mais dentro daqueles corações de pedra.

Graças aos jesuítas, alguns deles, se convertiam ao cristianismo, e deixavam um pouco o vandalismo e a rebeldia de lado, colaborando assim,

um pouco para o progresso de todos.

José de Mitro não chegou a ser um jesuíta, e nem poderia.

Gostava de bagunça, adorava a liberdade, gostava de viajar e conhecer vários lugares.

Mas tinha convivido muito com eles, era um homem bom de coração e prestativo.

Aceitou por dois anos estudar para ser um religioso, mas como era muito rebelde e impaciente, resolveu viver como um homem simples, como muitos outros, que não tinham nunca um paradeiro certo.

Para José de Mitro, todos eram amigos, irmãos, e a vida para ele sempre era uma verdadeira fonte de descobertas e alegrias.

Quando partiu de Camapuã, deixou vários amigos jesuítas, índios, e até os próprios colonos, gostavam dele.

Às vezes sentia em seu peito, uma saudade estranha do tempo que passara com os jesuítas, que o haviam ensinado ser mais complacente com outras pessoas e mais humano também.

Mas voltando aos três, que se aproximavam da aldeia de Rio Verde...

Foram recebidos com admiração.

Faltando uns dez metros para chegar ao grande grupo de Caiapós, o chefe, erguendo a mão direita, para que o homem branco parasse, no que foi prontamente atendido, pediu que os outros dois índios se aproximassem.

José de Mitro ficou cercado por quatro índios, armados de arco e flecha, mas de longe, conseguia observar que a aldeia, era várias vezes maior do que todas que já havia estado.

Havia nela, índios em grande quantidade.

Notou também que eram muito organizados e que usavam tangas, tornezeleiras, braceletes e até pinturas vermelhas nos rostos.

Na aldeia das Palmeiras, ele lembrou que só havia visto as crianças totalmente nuas. Os outros usavam uma espécie de tanga feita, às vezes de couro, outras de pedaços de pano. Isto tudo devido a comercialização que o velho Pablo havia iniciado naquele lugar, onde eles viviam.

Os índios que comparavam José de Mitro não usavam nenhum tipo de pintura, nem de enfeites. Estavam simplesmente com ovelhas e surradas tangas de couro, amarradas por tirinhas dos lados. Os Caiapós, pensaram no início que Mitro era um prisioneiro de seus irmãos mais distantes.

Demorou um pouco de tempo para que eles entendessem que aquele homem branco era amigo.

O chefe indígena estava curioso e atento aos mínimos gestos do jovem, que estava sorrindo, como sempre.

Olhava-o de cima até embaixo.

Duas coisas lhe chamavam atenção: as botas e o chapéu.

José de Mitro, que já era experiente e com a fome e sede já apertando, tirou o seu velho chapelão e ofereceu ao chefe, que feliz, colocou na cabeça, e olhando pára todos, dava gostosas gargalhadas.

Todos na tribo sorriram também.

O chefe estava beirando uns cinquenta e dois anos e também não era bobo, olhou diretamente para as botas do jovem.

José de Mitro pensou: como andaria descalço, se não estava acostumado, e o chão era cheio de espinhos, pedras e também muito quente.

Quem não tinha costume sofria muito. Mas o que fazer? Chefe, era chefe!

Ele teria que dar seu par de botas, que já estavam velhas, mas lhe serviam muito bem ainda.

Sentou no chão a sombra de um ariticum, e enquanto ia tirando suas velhas boteis, companheiras de longas viagens, feitas de puro couro, pensou mais uma vez no sofrimento dali para a frente.

Entregou-as ao chefe, e a mesma cena se repetiu: todos riram muito do velho índio, que dava pulos de alegria. José de Mitro também acabou se divertindo muito, pois aquela cena estava fantástica.

O chefe dos Caiapós estava muito faceiro, orgulhoso e continuava pulando.

Eles nunca tinham aceitado ter contacto com os homens brancos ,porque todas as informações que tinham deles, era que todos os brancos sempre foram maus para seus irmãos, lá do alto do Rio Taquari.

Mas aceitaram o jovem José de Mitro, por que o chefe estava feliz com os objetos que tinha conseguido tirar dele, e toda tribo ainda ria, porque o velho continuava pulando.

José de Mitro também achava engraçado, pois era a primeira vez que via uma pessoa semi-nua, calçando botas e usando um enorme chapéu.

A simplicidade e ingenuidade daquela gente, comoveu José de Mitro, que ia cada vez mais se apaixonando pelos índios.

Uma semana se passava, desde o dia em que chegara, ele já estava se sentindo como se estivesse em sua própria casa, e muito feliz. Tudo em perfeita paz e harmonia.

Naquela aldeia, não havia nenhum doente, nem mesmo os índios mais velhos, sentiam nada.

A chegada deles tinha sido comemorada com uma festa.

Os Caiapós eram excelentes caçadores, e no dia da festa, havia carne de todas as espécies: paca, porco do mato, capivara e outros mais.

Mitro foi até a beira do rio, e ao chegar lá, constatou como a aldeia era realmente muito grande, pois tinha muitas crianças e mulheres tomando banho.

Ao chegar ao barranco, se encantou ainda mais, pois as águas eram tão limpas, que refletiam o verde da vegetação.

Aquilo tudo lhe transmitia urna enorme paz.

Abaixou e com a mão direita, pegou um pouco daquela gostosa água, e foi soltando levemente, com a mão erguida para o alto, e novamente sorriu.

Sentindo que estava sendo observado pelos Caiapós, notou que até as índias que tinham seus companheiros, se assanhavam.

Achavam o homem branco, a coisa mais linda que já tinham visto, naqueles últimos tempos.

Algumas delas, davam pulos bem altos na água, demonstrando um grande entusiasmo.

Entre elas conversavam sobre o homem branco e a disputa começou.

Brincavam de tapas, mordidas e puxões de cabelos, o que era muito fácil, pois os mesmos eram muito lisos e iam até a cintura.

Neste dia, De Mitro ficou só observando o gesto dos Caiapós.

No outro dia, os dois que trouxeram Mitro, resolveram voltar para sua aldeia.

Mas José de Mitro não quis acompanhá-los, prometendo que resolveria e depois ia ter com eles.

A vida na beira do rio, onde o verde predominava, era mansa, saudável

e equilibrada.

Como o forasteiro era curioso por demais, resolveu com o passar dos dias, que ira pesquisar toda aquela área. E tinha que subir o rio, mais foi impedido pelo chefe.

Este lhe explicou sobre os rituais sagrados, e disse-lhe que logo todos subiriam o rio para festejar no Santuário Sagrado, e que o homem branco era seu convidado.

Este Santuário Sagrado, é o que chamamos de
Sete - Quedas.

Mitro notou que em uma pequena choca, havia sempre índias, e que o lugar por onde entravam e saiam, estava sempre muito bem guardado por dois guerreiros.

No começo, o jovem pensou que era o lugar onde as jovens dormiam ou se pintavam, já que viviam quase sempre com os cabelos brilhando e os rostos com leves traços coloridos.

A aldeia dos Caiapós nesta região, era composta de várias choças muito bem feitas, espalhadas por todos os lados.

No centro da tribo, havia uma enorme choça, onde ficava o seu chefe e a família, onde também, em dias de frio, os mais velhos discutiam sobre os acontecimentos do cotidiano da aldeia,ou mesmo quando tinham que resolver algo.

Como jovem não podia subir o rio, achou melhor descer, e chegou no lugar, que hoje chamamos de Riozinho.

Muito curioso ainda sobre a pequena choça, que era sempre tão bem guardada pelos índios, se aproximou de um deles e perguntou o por que de toda aquela segurança.

O indígena quase não entendeu o que José de Mitro falava, mas apontando com o dedo indicador, bateu forte no peito, balançou a cabeça, dizendo que não podia contar, e saiu apavorado, olhando sempre para trás.

Mitro tentou se aproximar dos guardiões da choça, mas estes impediram de continuar, dizendo que ele não entenderia.

Mitro pensou que fosse diamante, ouro, ou talvez até armas. Não, isto eles não tinham contato com os brancos.

Não resistindo mais, foi falar com o chefe, e com gestos calmos perguntou o que havia naquela choça fortemente guardada.

O chefe balançou a cabeça, tirou o chapéu e olhando tristemente para o chão, explicou ao rapaz que era a Graúna, sua filha, que era cuidada pelos velhos curandeiros da tribo, que era definido como espírito gritante, e não podia ser vista por qualquer pessoa.

Mitro não muito convencido daquilo, agradeceu e saiu.

No dia seguinte foi novamente até o Riozinho com alguns índios que

iriam caçar, e como estavam indo na mesma direção, José de Mitro, foi observando tudo em volta e além de onde caminhavam.

A vegetação dos campos era bem verde, e predominante.

De longe, os morros se confundiam com as mates e constatavam com o céu bem azul.

Aquele ar purificado, e de vez em quando vinha uma brisa fresca, que os índios apontando, queriam dizer para Mitro, que vinha do Pantanal; e José de Mitro não entendia direito, mas sabia que um dia entenderia muito bem...

Horas depois chegaram à beira do Riozinho, e o jovem se admirou com os grandes barrancos.

Enquanto os índios caçavam, ele andava pelas redondezas, beirando o rio, e momentos depois, curiosamente ao se abaixar, achou o pedaço de uma espora de prata quebrada, e viu que por ali já haviam passado outros homens brancos.

Se aproximou do rio, lavou o pedaço da espora. Seria mesmo de prata? Mas de quem? Quando? Quantos Seriam?

Sentou-se em cima das pedras e começou a pensar; observando a natureza do lugar, notou que havia ali, abundância de pedras preciosas.

Em pouco tempo, conseguiu encontrar alguns pequeninos pedaços de alimentos, e concluindo seu pensamento, tivera certeza da presença dos

homens brancos, ali, há muito tempo antes.

Como tinha dado o seu chapéu e suas botas para o chefe, sentiu sua cabeça muito quente, e suave também.

Seus pés ardiam como se estivesse caminhando em brasas, pois não tinha o costume de andar descalço.

Sua barba estava grande. Mas não era por falta de navalha, já que carregava consigo, sempre uma.

Levantou-se então, olhando bem a região, e prometeu à si mesmo, voltar o mais breve possível, para garimpar.

Aquela era sua chance de ficar rico e poderoso.

O grande problema é que ele não tinha as ferramentas, e tinha certeza que os índios também não teriam.

Guardou as pequeninas pedrinhas no bolso, e sorrindo como sempre, foi ao encontro dos caçadores, que vinham de volta da caçada, com o jantar garantido: três queixadas. E fariam uma festa.

Chegando na aldeia, assaram a carne, cantaram um pouco, mas logo depois como estavam muito cansados, foram todos dormir.

No dia seguinte, Mitro queria voltar ao Riozinho, mas foi impedido pelo chefe, porque aquele era o dia do ritual sagrado, e todos se preparavam para subir o rio.

Neste dia, o entra e sai, da pequena choça, que era a mais guardada

da tribo, foi maior ainda.

Lá dentro, saía uma fumaça perfumada, pelas frestas, e rescendia por toda a aldeia. Era muito cedo ainda. O dia estava se iniciando, e todos já estavam prontos para fazer algo que Mitro não sabia o que era, mas logo iria matar a sua curiosidade.

Todos os índios da tribo, estavam naquela manhã de primavera, muitos bem pintados.

Colocaram nos velhos e nas índias, coloridas cocares na cabeça, e no pescoço, colares, que olhando bem, José de Mitro viu que eram feitos de frutinhas secas, a maior parte delas, vermelhas, e outros, de pedacinhos de paus trabalhados. Tinham também alguns com dentes de animais e pequenos ossinhos.

Havia uma grande diferença para os outros Caiapós, que José de Mitro havia conhecido primeiro.

Antes de deixarem a aldeia, notaram ao longe, sinal de fumaça emitido por outra tribo.

Todos olhavam com indagação, e o chefe, muito nervoso, esfregava as mãos.

Ele era o que estava mais pintado, trazia na cabeça um grande e bem feito cocar colorido com penas azuis e vermelhas.

E no seu pescoço estava um colar feito com dentes de animais,

Miro cansou-se de ficar em pé e sentando-se aporta da grande choça onde morava o chefe e sua família, ficou aguardando.

Todos eram responsáveis pela alimentação da tribo. Tanto os índios, como as índias.

Uma hora depois, a fumaça ficou mais peito, e todos os Caiapós, olhavam na mesma direção, mais todos parados.

Ninguém falava absolutamente nada.

Estava o mais profundo, e estarrecedor silêncio.

Logo depois surgiu ente a vegetação, um índio: era baixo, troncudo e muito sério.

Veio à frente para saudar o chefe. Falava rápido e grosso.

Não usava pinturas, nem colares e eslava completamente nú e se assustou quando viu José de Mitro.

Correu em sua direção, quis agredir o Jovem com o seu arco, e muito enfurecido, dizia palavras sem nexos.

Foi difícil convencer aquele índio, que o homem branco era um grande amigo dos Caiapós, como dizia seu chefe.

Ele olhava para o jovem branco como se fosse um animal selvagem, sentindo-se ameaçado.

Logo depois em seguida surgiram outros índios, muito cansados da longa e dura caminhada.

As mulheres traziam seus filhos apoiados em pedaços de paus, encobertos por alguns retalhos de couro.

Eram mais baixos e truncudos; todos muito sérios, e o chefe deles vinha na frente.

Só trazia nas mãos uma pele de onça pintada, para ser dado de presente, ao grande chefe, que era o da aldeia de Rio Verde, por ser o mais prudente, inteligente, justo e organizado. Sabia lidar com toda a tribo, cativando cada vez mais amigos.

Atrás vinham os índios jovens, sofrendo com o peso das caças que traziam para festejar.

Mitro fez questão de contá-los: Eram ao todo, mais de 300 índios, e pensou em seguida: se todos forem como o primeiro, que chegou tão assustado estou roubado...

Foi o que aconteceu.

Logo que chegaram, saudaram o grande chefe, deram os presentes e assim que avistaram o homem branco, partiram para cima dele, totalmente descontrolados e selvagens, tentando agredi-lo.

Mas graças ao grande chefe, que explicou a todos que recentemente tinham chegado, que aquele era um dos melhores amigos dos Caiapós, José de Mitro foi imediatamente socorrido, e colocado a salvo da fúria.

O grande chefe disse também que o jovem era convidado para o ritual

sagrado.

Por causa dos seus olhos verdes, tinha para ele, planos.

Os Caiapós que tinham vindo da região do Pantanal, começaram a se acomodar, se acalmando, mas mantendo distância de José de Mitro, e sempre que passava perto dele, olhavam-no muito sérios e cuspiam no chão.

Mas Mitro como era, sabia que teria que manter distância dos visitantes também.

Só que eles não eram apenas visitantes. Tinham vindo para permanecer ali.

Eles tinham feito o pedido para juntarem as tribos, por que o chefe da aldeia que ficava na Serra da Pimenteira, estava muito doente, e queria apoio do seu irmão. O que fora aceito com a maior satisfação, pois eram todos Caiapós, e irmãos de sangue.

Tudo aquilo foi comemorado com uma grande festa.

José de Mitro tinha sua própria choça na aldeia, que fora feita especialmente para que não dormisse ao relento. Era muito confortável, com uma esteira de palha trançada, onde José de Mitro dormia, protegido dos animais, principalmente das onças, que eram predominantes naquela região.

Naquele instante, já estavam acomodadas as crianças e os mais velhos,

que foram logo depois alimentados.

Antes que o sol se pusesse no meio do céu, os Caiapós se organizaram, formando pequenos grupos que se alinhavam, seguiam em direção ao Santuário Sagrado.

José de Mitro notou que nas mãos do chefe havia uma espécie de Purunga de barro, com uma tampa muito bem feita de madeira.

Continuava sentado e observando tudo ao seu redor.

Mais atrás, o velho curandeiro da tribo, trazia um pote maior e também de barro, que segurava com muito cuidado.

Do seu lado vinha sua velha companheira índia, que carregava um pote médio e um cachimbo grande e comprido.

Antes de começarem a caminhada, o chefe chamou José de Miro com a cabeça, e este se colocando ao seu lado, estava ficando cada vez mais curioso.

Logo os tambores começaram a tocar fortemente, a dando continuidade ao ritual, os jovens indígenas começaram também a dançar e gritar, e assim por vários minutos, até que de repente, de uma só vez pararam.

O silêncio permaneceu por alguns instantes. Todos os Caiapós estavam parados. Não se ouvia nenhum ruído.

Até os pequeninos se calaram. Era de se admirar o respeito que tinham

pelos seus, e por tudo aquilo que se dizia em relação a tribo, e a vida em comum.

Momentos depois, um dos índios, com uma flauta na mão confeccionada de taboca, uma espécie de madeira de bambu do mato, se atirou ao solo de joelhos, deixando o instrumento no chão, erguendo as mãos para os céus louvou a criação e ao Criador.

Logo em seguida se ouviu o som estridente do instrumento que contava com três buraquinhos.

Todos continuavam em absoluto silêncio.

Então para surpresa de José de Mitro, saiu da pequena choça, que era sempre bem guardada, quatro índios levando uma espécie de maca. Ele entendeu que ali havia alguém, mais não dava para definir nada.

Estava totalmente coberta com vários pedaços de couro, enfeitados e bonitos.

Ao chegarem no meio da aldeia, colocaram a maca no chão, e as índias jovens, se aproximando, fizeram um círculo em volta da mesma, começando a entoar um canto, depositando flores.

O jovem forasteiro não entendia nada, e permanecia imóvel como os outros.

Logo o couro da onça foi retirado, e de onde estava, José de Mitro pôde ver que era uma jovem e linda índia; e aí foi que não entendeu nada

mesmo.

Porque seria que aquela jovem era tão protegida?

O chefe sorridente segurou o braço de Mitro, dizendo que aquela era sua filha. A mais linda das índias Caiapós existentes, e por isto era abençoada pelo criador. Tinha apenas quinze, luas. Ela cantava o canto dos pássaros e por isso deveria ser respeitada, por ordem do curandeiro.

O círculo em volta da índia permanecia. Só se via o seu corpo, muito bem feito. Seus cabelos negros, e lisos, chegavam até o quadril. A pele morena, pernas muito bem torneadas.

Nela foram colocadas essências de flores, que a perfumavam, e tudo ao redor, ficando ainda mais bonita.

Na sua cabeça, havia um lindo cocar, igual ao de seu pai, que em o chefe, mas seu rosto continuava coberto.

Ela usava uma tanga, que circulava a cintura, enfeitada com couro de onça pintada.

Foi colocado em seu braço, com muita delicadeza, pelas índias, um lindo bracelete, feito não se sabe como, de pedras preciosas, e nos pés, lindas tornozeleira, também de pedra.

No pescoço penduraram um colar, que tinha um grande diamante bruto no centro, e dentes de animais em volta.

Mas o que mais chamou a atenção de José Mitro, foi que a moça

tinha as mãos amarradas para trás, de vez em quando dava chutes e se mechia muito.

E quando isto acontecia, uma das índias do círculo, passava a mão em sua cabeça e com muita paciência, acalmava a moça.

Novamente o silêncio era total.

Depois ouviu-se três batidas de tambor, e o chefe se aproximou, em passos lentos, da jovem índia. Desamarrou-a com leveza, pegou uma das suas mãos e começou a andar em direção ao que eles chamavam de Saturã, ou seja, Santuário Sagrado das Sete-Quedas.

Na frente seguiam o curandeiro e sua companheira.

Mais atrás, os jovens empunhando arcos e flechas.

Logo depois vinham a mãe, os irmãos e as irmãs da jovem, junto com José de Mitro.

Por último, os outros integrantes da tribo: homens, mulheres, crianças e velhos.

Todos caminhando em total silêncio.

A região em plana, com pequenas depressões.

A vegetação bem vasta e depois bem aglomerada, e outras um pouco espalhadas. Vastos campos ao lado esquerdo, com alguns morros circulando a região.

Andaram quase quatro quilômetros em silêncio. Mas aí o imprevisível

aconteceu: A jovem índia empacou. Não queria mais andar, de maneira nenhuma, nem mesmo amarrada.

Se retorcia e balançava a cabaça, que estava quase sufocada pelo capuz de couro bruto.

Os Caiapós falavam entre si, gesticulavam e alguns até se alteravam. Mas permaneciam nos seus devidos lugares.

Mitro pedia explicação, mas ninguém dava.

Revoltado se pos a frente e foi ter com o chefe, que com soberania, pedia a filha que continuasse a andar.

Ela se esforçava para tirar do rosto, a máscara que a desesperava e atormentava sua cabeça.

Os curandeiros jogavam pingos de água e um pó na jovem. Eles queriam a qualquer custo acalmá-la, mas só conseguiram deixá-la ainda mais nervosa, e selvagem.

Ao tentar tocar na jovem Caiapó, José de Mitro foi repreendido pelo chefe e afastado com um empurrão.

O curandeiro vendo aquilo, começou a gritar, dizendo que a moça era uma virgem sagrada dos Caiapós, e que nunca deveria ser tocada por nenhum macho, fosse de que espécie qualquer, a não ser pelas mãos do curandeiro e seu próprio pai, seu sangue maior.

O rapaz explicou que só queria ajudar e não tinha a intenção de

perturbar a ordem da tribo.

O chefe entendeu, mas o curandeiro, olhou para ele e pensando que o jovem não entendia, com desprezo balbuciou com sua língua nativa: intruso, intruso.

O tempo passava e eles continuavam parados no sol, tirando os velhos e as crianças, todos seguiam a ordem do curandeiro, permanecendo em seus lugares.

O chefe índio vendo que sua filha não ia mesmo andar, colocou-a nas costas e continuou a caminhada.

A moça esperneou até ficar cansada. Mas ainda havia muito chão pela frente, e aos poucos ela foi se acalmando. A região começava a ficar muito íngreme e apesar dos treeiros feitos pelos índios, o local era de difícil acesso.

Havia grandes árvores e vários tipos de cipó, e mais a vegetação rasteira.

As grandes árvores eram: *aroeira*, que é madeira de lei, *Cedro*, *Ipê*, *Jacarandá*, *Jatobá*, *Lixeira* e outras tantas.

Tinha os coqueiros típicos da região: *Buriti do brejo*, encontrado perto de águas paradas, *Buriti mirim*, que tem as folhas em forma de leque, contém uma polpa muito doce e um líquido de sabor muito delicioso, muito apreciado por nossos índios.

Estes coqueiros, denominados *Buriti Mirim*, são muito encontrados em lugares arenosos, perto de ribeirões.

Os nossos indígenas se alimentavam sempre de frutas, de excelente sabor e qualidade, mesmo sendo silvestres, que eram encontradas nas matas.

Como por exemplo: *Goiabas, Guaviras, Mangava, Bacuri, Pitangas, Ariticum, Murici, Macaúba* e outras mais.

No continuar da caminhada, o chefe que já era muito velho, estava ficando muito cansado, sentindo o forte calor, resolveu colocar a filha no chão e pediu novamente que a filha andasse.

Ela com um sinal de cabeça, se recusava.

O chefe chamou então um de seus filhos e ordenou que carregasse a irmã, no que foi prontamente atendido.

Logo chegaram a um belo lugar, beirando o Rio Verde, onde havia uma linda praia com areias branquíssimas e também repleto de flores silvestres.

Intensas pedreiras e gigantescas pedras, como que deslocadas pela própria natureza, a enfeitar a região. Parte daquele lugar era calçado por pedras.

Pararam para descansar e beber água, naquele lugar, tudo tinha um toque especial, tomando a visão muito bela.

José de Mitro se encantou com as pedras e com as lindas Palmeiras. Se ouviu o ruído forte das águas que se misturavam com o belíssimo cantar dos pássaros.

Agora faltava pouco para se chegar ao Santuário Sagrado, logo em posição se seguir o chefe, alinhados, esperavam o sinal para começarem de novo a dura e longa caminhada.

A jovem índia continuava a ser carregada por seu irmão, que se incubira de levá-la até onde seria o ritual sagrado.

Dois fortes e bem pintados índios aguardavam a chegada de toda tribo no local.

Ao avistarem sua gente, começaram a tocar fortemente os tambores, dando início no ritual.

Todos formaram um grande círculo em volta do chefe, do curandeiro e da jovem índia, começando a cantar e dançar, erguendo as mãos para o alto, enquanto seus olhos se voltavam para o centro do círculo, onde os três permaneciam.

José de Mitro foi colocado fora deste círculo, pois no ritual sagrado, só os verdadeiros índios Caiapós podiam participar praticando a dança e o canto.

Mas logo depois pararam e o silêncio voltou a reinar e o jovem De Mitro, só ouvia o barulho forte das águas.

Agora ele já entendia porque os índios chamavam aquele lindo lugar de Santuário Sagrado.

O jovem forasteiro não sabia se assistia ao ritual, que era uma bela cerimônia ou apreciava a beleza natural do lugar, cercado de lindas árvores, flores e principalmente muitas pedras, que faziam saltar as águas, em belíssimas quedas, cristalinas e abundantes.

Os paredões de pedra pareciam querer proteger o rio e as matas ao redor do Santuário Sagrado.

Foi nesta admiração toda que o chefe encontrou José de Mitro e veio convidá-lo para fazer parte do círculo, contrariando as ordens do curandeiro.

Agora estavam todos no mesmo lugar, só que sentados e de pés cruzados.

O curandeiro ao ver Mitro se aproximar do círculo, quis se retirar, mas foi tudo em vão, porque quando o chefe dizia alguma coisa, era uma ordem, e tinha que ser cumprida.

O curandeiro falou algumas coisas, numa linguagem que o jovem não entendeu muito bem, pois era estranha à que ele estava acostumado a ouvir dos Caiapós.

Pareciam ser palavras de feitiçaria, mágicas. E além de tudo, a voz do curandeiro soava muito fraca, pois já estava muito velho.

Agora no centro estavam também belíssimas Araras, junto com a jovem índias. Eram por enquanto apenas três.

Para a surpresa de José de Mitro, o velho curandeiro pegou um chocalho e começou a emitir um som muito estranho, como se fosse uma triste canção.

Depois parou, olhou para o céu e aproximando-se do rosto da índia, retirou o capuz que lhe cobria o rosto.

Mas para indignação do jovem branco, a índia tinha a boca amordaçada por uma forte tira de couro, que também foi retirada.

A vontade que o forasteiro teve, foi de esmurrar aquele velho curandeiro, por toda atrocidade que estava fazendo, levar a índia para bem longe, para que nunca mais fosse amarrada nem judiada daquela maneira.

Mas de Mitro sabia que se levantasse do círculo, teria que ficar fora do ritual sagrado e talvez, pelo desrespeito fosse até expulso da aldeia, onde muito querido por toda tribo, muito bem tratado, principalmente pelo chefe, que o adotara como o mais fiel amigo dos índios Caiapós.

Neste momento, enquanto passava todos estes pensamentos pela sua cabeça, olhava para a jovem índia, e ficou maravilhado com a beleza da moça.

A filha do chefe era realmente a mais linda índia Caiapó existente. Pelo menos entre as mulheres que ele já tinha visto.

Seus pensamentos foram interrompidos, quando o curandeiro fez a jovem ficar de pé e pegando uma das araras, foi arrancando as penas da ave.

A jovem olhava para o curandeiro, que gesticulava muito, como se fosse atirar-lhe aquela arara em cima.

A moça apenas virou o rosto.

O velho curandeiro continuava e momentos depois arrancou mais penas ainda da ave, que sentindo dor, começou a gritar.

José de Mitro assustado com aquele ato perverso do velho pensava: será que ele vai tirar todas as penas do bicho?

Mas por instinto, outras araras se aproximaram ao ouvir o grito da primeira, que estava nas mãos do velho, começando uma terrível gritaria, cada vez mais alto e com mais araras.

Era o canto das Aves. O velho curandeiro batia no peito satisfeito, sentindo-se realizado, cantava.

A filha do grande chefe, só tinha olhos para o jovem José de Mitro, porque estava acabando, o homem branco mais bonito de todos que conhecia.

O curandeiro aproximou-se da jovem dizendo algumas palavras baixinho em seu ouvido, que com raiva virava o rosto, como se não quisesse ouvir o que o velho dizia. O velho nervoso lhe deu um tapa forte no rosto.

José de Mitro olhou imediatamente para o grande chefe, que com um sinal pediu para que se acalmasse, porque aquilo fazia parte do ritual sagrado.

O que o jovem forasteiro queria entender era o que eles estavam fazendo com a índia ou ainda iriam fazer.

Aquela linda jovem, que era mantida sempre em cativeiro, e pelas fortes marcas que trazia em seu rosto, se via que estava constantemente amordaçada também.

O nome desta índia era TUÃ.

Ela permanecia em total silêncio, com os olhos firmes em direção à José de Mitro, como se estivesse pedindo socorro.

Ela não era louca. Nem tão pouco, irmã das araras, como vivia dizendo o curandeiro da aldeia: que ela era maior das aves e que fora transformada em gente, índia para trazer paz e tranquilidade para a tribo.

Nisto o curandeiro segurou o braço da jovem e saiu puxando-a em direção a descida das cachoeiras, com muita dificuldade entre as pedras, e chegou até as águas.

Mas a jovem não queria entrar na cachoeira. O velho então com um sinal de mão, chamou o pai e o irmão da moça, para que o ajudassem.

Mas antes que estes conseguiram colocá-las nas águas, esta lutou até

cansar, com medo de ser afogada nas quedas.

Ouviu-se então pela primeira vez os gritos de TUÃ.

Gritos estridentes como o das aves, que ao redor começaram também a gritar junto com a jovem índia.

Os tambores começaram a bater fortemente, TUÃ foi trazida para a planície superior e foi fortemente pintada pelas outras índias.

A cor predominante era o vermelho.

O curandeiro tomando posição novamente, falou com TUÃ. E quanto mais a moça ouvia a voz do curandeiro, mais desesperada ia ficando, gritando cada vez mais alto.

Num gesto inesperado, TUÃ saiu correndo. Mas foi tudo inútil, pois foi logo alcançada, querendo o curandeiro amarrá-la novamente. O que não foi permitido pelo chefe.

José de Mitro quis intervir, mas não pode fazer nada porque dois fortes índios o impediram, segurando-o fortemente.

Continuou a observar tudo em silêncio.

Sentia que aquela linda jovem, cheia de vida, que tinha a pureza das flores, o andar de uma princesa, um ser humano, não poderia ter nada haver com aquelas araras.

Mas o curandeiro afirmava que ela era uma grande arara transformada em índia. O velho gesticulava muito, como se fosse agredir a moça. Esta

terrivelmente amedrontada, dava gritos de terror, apavorantes, com medo.

Seu pai, um bom chefe, permanecia sentado, com o rosto entre as mãos. No fundo do seu coração sentia pena de sua filha, que desde pequenina, vivia separada dos outros porque o curandeiro mandava que a mantivessem amarrada isolada de toda a tribo.

Ela era agora uma linda moça. Mas pelo que o velho curandeiro dizia, teria que viver eternamente assim, em total isolamento.

O curandeiro era um velho muito astuto e inteligente.

Sabia perfeitamente que a jovem índia não tinha nada haver com as aves, mas aquela foi maneira que encontrou de ter prestígio e ser respeitado por todos na tribo, que eram ingênuos e puros.

Usando de má fé com seu chefe e toda aldeia, ele continuava insistindo em toda aquela mentira.

Quem mais sofria com isto era a pobre TUÃ, que sendo prisioneira constante, trazia em seus olhos uma imensa tristeza, um profundo rancor no coração, pelos seus que acreditavam e confiavam tanto naquele velho mentiroso.

TUÃ não queria mais gritar, então o velho pegou uma vara de marmelo e começou à chicotear a jovem índia.

E novamente a infeliz moça se viu obrigada a dar aqueles terríveis gritos de dor, que agora eram acompanhados por todas as outras aves.

O velho satisfeito se vangloriava.

José de Mitra não suportando mais aquilo, foi até o chefe e perguntou-lhe como permitia que fizessem aquilo com a sua própria filha.

O chefe explicou que naquele dia, estava acontecendo a consagração no Santuário Sagrado e que todas as araras deveriam gritar, porque era assim que afastavam todo mal, miséria, fome e tudo de ruim que pudesse acontecer em sua aldeia.

José de Mitro balançou a cabeça, deu um forte suspiro e se afastou um pouco, para que não fizesse nenhuma besteira, como arrancar o escalpe do velho curandeiro.

Minutos depois foi chamado novamente pelo chefe para sentar-se no grande círculo.

Estava começando o entardecer, e o pôr do sol, fazia aquela visão ficar maravilhosa.

Os tambores começaram a tocar e para não apanhar mais, TUÃ iniciou uma dança, primeiro com as índias e depois só, como se quizesse agradar o visitante e impressioná-lo.

O curandeiro soltou do alto das pedreiras, um dos potes que trazia pó de ossos de seus antepassados, falando algumas palavras mágicas.

Todos se serviram de uma bebida feita com mel e uma raiz muito amarga.

Seguindo com o ritual, o velho pegou outro pote, abriu a tampa e colocou em cima de uma esteira, todas as pedras preciosas que dentro dele haviam: diamantes de todos os tamanhos.

José de Mitro sentiu seu coração saltar dentro do peito: o que faria aquele velho com todos os belos diamantes? Soube a resposta logo depois, quando o curandeiro, do alto da primeira queda, foi jogando todas as pedras, falando de novo aquelas palavras que ele não entendia, como se estivesse agradecendo as cachoeiras e o lugar, com aquelas pedras que cintilavam com um brilho intenso dentro da água.

José de Mitro olhou para o índio mais próximo e perguntou-lhe de onde tinham conseguido tirar aquelas pedrinhas.

O índio respondeu apenas com um gesto humilde que lhe pedia silêncio.

O jovem estava ansioso e cada vez mais curioso, por saber o lugar onde se encontrava todas aquelas riquezas. Mas teria que esperar um bom tempo, com paciência, para saber.

Com TUÃ dançava e gritava, as araras respondiam, como que por encanto, a o ritual se transformava agora numa linda e deslumbrante festa, onde todos sorriam e cantavam homenageando ao Criador, agradecendo as bênçãos recebidas.

O estranho é que pela primeira vez, TUÃ sorria enquanto dançava suavemente, não conseguindo tirar os olhos do homem branco por mais

que lutasse contra isto, seu coração palpitava fortemente.

Ela mal conseguia respirar, suas mãos suavavam de emoção e os lábios num treno sorriso, deixava transparecer toda a sua forma de amar.

Seu pai, o grande chefe, que também era muito inteligente e audacioso, estava feliz, pois sua filha era sua preciosidade e como estava acostumado à vê-la sempre triste e chorando, sentiu que aquela mudança repentina tinha algo haver com o jovem forasteiro.

E por toda noite os tambores e a dança continuou.

José de Mitro tentou por várias vezes se aproximar de TUÃ, mas o casal de curandeiros sempre impediam.

O chefe que estava observando tudo, matutava com suas idéias: sabia que estava chegando a hora de mudar certos preceitos de sua tribo, para o bem de toda aldeia e principalmente de sua encantadora filha. Até para a felicidade dele mesmo, que não suportava mais ver o sofrimento de TUÃ, naqueles rituais

A vida inteira dela, tinha até então sido controlada pelos curandeiros da tribo que a mantiam sempre isolada.

Alguns jovens Caiapós morriam de amor pela Jovem índia, mas não tinham esperança alguma, já que ela era a virgem sagrada e teria que continuar sendo assim, por ordem do curandeiro, jamais sendo tocada por homem algum, de nenhuma raça.

Isto que o velho dizia era para manter a paz e harmonia de toda tribo, pois do contrário, o mal os destruiria.

Para um índio Caiapó conceber uma índia, tinha que provar ser um bom caçador, forte, valente, andar na escuridão completa, ficar uma lua sem se alimentar, (isto é, uma semana), só bebendo água ser bem treinado e ter a flechada certa.

Se houvesse mais que um pretendente, a índia escolhida o de sua preferência, mas para merecê-la o índio teria que passar nos testes, incluindo o de lutar com seu concorrente até deixá-lo no chão.

O perdedor tinha que ficar uma lua fora da aldeia, mais depois podia voltar e levar uma vida normal.

Se não conseguisse esquecer sua amada tinha que conviver com ela e seu companheiro, em total respeito, até o fim de suas vidas.

Muitos perdedores não aceitavam a perda, eram sistemáticos e orgulhosos, por isto, nem sempre voltaram, preferindo a morte no mato.

Alguns conseguiam sobreviver totalmente isolados, mais os outros sorriam de tristeza, doença ou às vezes eram comidos por animais selvagens, que existiam muito naquela região.

O vencedor das provas era contemplado com presentes, incluindo a choça, que era feita por todos da tribo. Tinham direito a serem servidos com toda cerimônia, durante dois ou três dias de festa sendo tratados

com todo respeito.

Só quando acabava a festa é que o vencedor tinha direito de possuir por completo sua diletta depois de passar pela última prova de amor.

Todos da tribo prendiam o jovem índio na aldeia, prendendo sua atenção, para as índias levassem a nubente para as matas, depois de um sinal do curandeiro, encondiam-na nas árvores. Mas antes davam-lhe um banho no rio e depois de seca, untavam todo seu corpo com óleo de urucum, que elas tentavam perfumar com essências inutilmente. Ficavam esperando chegar o anoitecer.

Depois de tudo pronto era dado o sinal de partida do noivo, que esperava ansioso, pois sabia que se não conseguisse passar por aquela prova, teria que deixar passar muito tempo correr para poder escolher outra noiva, aquela que ele amava, voltaria para sua aldeia e seria disputa por outros pretendentes. Depois teria que manter o respeito por ela e seu noivo companheiro pelo resto de seus dias.

Quando este costume era desrespeitado, os traidores eram surrados pela tribo e expulsos, cada um partindo em lado contrário ao outro, sendo escoltados até uma longa distância da aldeia.

Na última prova, o noivo tinha que encontrar a índia e depois correr atrás dela até conseguir segurá-la e possuí-la.

A grande corrida começava entre os noivos e o tambores tocavam

sem cessar a noite inteira.

As índias tinham que demonstrar também muita garra para que não fossem facilmente apanhadas.

Por isso, às vezes os índios usavam cipós ou couros em forma de laço para pegarem as moças que escorregavam muito por causa do óleo passado em seu corpo.

O fator principal nesta prova era o lado emocional, que na hora da luta quando estavam a sós, despertava nos índios, sua masculinidade e erotismo.

Este fato fazia com que o amor aumentasse. As índias eram rápidas e lisas.

Os índios quando pegavam suas noivas era no laço ou agarravam seus tornozelos, que miravam se atirando neles e dificilmente erravam.

A índia presa lutava ferozmente, mordendo e arranhando o seu companheiro como um animal. Para que ele não a perdesse, não podia reclamar dos maus tratos da noiva e tinha que conseguir dominar a moça completamente até possuí-la.

Eram aplaudidos os índios que chegavam todos machucados e feridos na aldeia no dia seguinte com a sua dieta. E a índia não podia fazer nada queixas do seu companheiro porque senão ficava sem validade toda aquela preparação.

Quando as núpcias eram completas, os Caiapós eram obrigados a manter a fidelidade e o respeito, tanto por parte do homem, como da mulher.

Cada índio tinha direito a ter só uma esposa e com ela dividir os bons momentos e os ruins também.

Eles respeitavam suas índias, por serem mãe das mães, porque sem elas não haveria o nascimento de outros humanos, índios Caiapós, para continuar a vida, na aldeia e fora dela também.

Os Caiapós tinham orgulho de serem índios.

Ao amanhecer do dia, todos estavam satisfeitos com o ritual sagrado, agradeceram ao Criador, se alimentaram muito bem e começaram a caminhada de volta para a aldeia que estava guardada apenas por três índios guerreiros.

O curandeiro autoritário quis amordaçar e cobrir novamente TUÃ.

Mas o chefe, pai da índia não concordou, começando uma pequena discussão entre os dois.

Mas por fim o chefe venceu, pois além de ser o chefe era também o pai da Jovem. O curandeiro sentiu-se ofendido e queria passar por cima das ordens dele.

Mas devido ao respeito que tinham os outros índios ao grande chefe, todos concordaram que o velho curandeiro tinha obedecer e por isto a

jovem TUÃ voltou livre.

José de Mitro adorou aquela idéia, pois a jovem estava caminhando e sorria sempre. O que não acontecia antes.

Mas o jovem homem branco, notou que a moça não falava uma única palavra e resolveu perguntar ao chefe o porque daquilo.

O chefe sorrindo lhe disse que sua filha era enviada pelo Criador para ajudá-los e que era um espírito gritante. O espírito que dominava as aves. Ela só sabia cantar e o velho se sentia muito orgulhoso de ser pai da enviada dos céus.

José de Mitro percebeu que naquela história tinha outras coisas envolvidas e o mais rápido possível, tentou descobrir.

Pediu com todo respeito ao chefe, se podia falar com TUÃ, a sós um pouquinho.

O chefe deu permissão, mais só depois que eles chegassem na aldeia. Assim que chegaram em Rio Verde, os índios foram se banhar, pois estava um calor muito forte.

Mitro pediu novamente ao chefe para falar com sua filha.

Este queria respeitar as ordens e preceitos do curandeiro, mas como gostava muito de José de Mitro e no fundo do seu coração, desejava até mesmo que TUÃ se casasse com ele, mesmo sabendo que a jovem era prometida dos deuses.

Ao se aproximar da choça, o curandeiro tentou impedir o jovem de entrar, mas o chefe disse-lhe que tinha dado permissão e como palavra de chefe não volta atrás, sua ordem teria que ser obedecida.

O curandeiro saiu de cabeça baixa, muito nervoso e reclamando naquela linguagem que Mitro não entendia.

O chefe então se retirou, deixando o homem branco com a linda TUÃ que estava sentada e muito perfumada.

O jovem sentou-se ao lado da moça e achou que o seu coração a saltar pela boca de tanta emoção, que sentia naquela hora.

A índia timidamente olhava para ele, que te tentando vagarosamente conversar com ela por meio de gestos. Mas só recebia as respostas com o balançar de cabeça da índia, às vezes afirmando e outras negando o que era-lhe perguntado.

O rapaz percebeu de imediato que sempre ao falar, TUÃ olhava muito para os seus lábios. Concluiu que surda ela não era, já que respondia toda pergunta que lhe fazia.

E minutos depois percebeu que a moça só gritava quando estava irritada ou feliz. Ela não conseguia e nem sabia falar, o jovem pensou: só pode ser muda.

José de Mitro não entendia era porque as araras respondiam quando TUÃ gritava. Mas isto era um mistério da natureza, coincidência ou instinto.

TUÃ estava muito feliz, pois agora quase sempre podia ver o jovem homem branco por quem estava apaixonada.

Senti-se diferente. Algo estava acontecendo. Seus olhos brilhavam de felicidade toda vez que o via e seus lábios se entreabriam num belo sorriso.

Ele correspondia sempre alegre e uma vez lhe perguntou se nunca havia falado. A moça respondeu negativamente com um gesto de cabeça, depois que ele repetiu várias vezes a pergunta.

Ele continuou perguntando porque ela não conseguia falar e a moça então abriu a boca e mostrou-lhe a língua.

José de Mitro se convenceu de uma vez que aquela linda jovem, cheia de vida, de amor e saúde, era realmente muda.

Mas isto não importava, porque o coração não escolhe, ele apenas acolhe.

Pensava Mitro: se ela entende tudo, para que falar?

Minutos depois foram interrompidos pelo curandeiro, que logo ao entrar mandou a jovem se retirar e olhando firmemente nos olhos do rapaz, balançou um chocalho que trazia nas mãos falando algumas palavras mágicas que amaldiçoavam o mesmo.

Só o que José de Mitro entendeu foi que estava, sendo ameaçado de morte pelo velho curandeiro.

Calmamente levantou-se do lugar onde estava sentado com TUÃ e foi

ter com o chefe.

Este recebeu educadamente e muito feliz. Tinha sempre uma palavra amiga para o forasteiro, que se expressava e entendia muito bem o que os Caiapós diziam.

Tentou por todos os meios explicar ao chefe que TUÃ era apenas muda. Mas o velho não entendia o que era aquilo e dando três batidinhas no ombro do amigo, balançou a cabeça e ia explicando calmamente que gostava muito dela, mas sua filha era prometida do Santuário Sagrado, senão ele dava a permissão para se casarem, mas teria que disputar com os outros pretendentes que também eram apaixonados por sua linda TUÃ.

Não queria que o rapaz fosse embora, pois aprendera muitas coisas com ele, assim como havia ainda muita coisa para ensiná-lo também.

José de Mitro achava que os índios viviam simplesmente, mais com muita sabedoria. Realmente ainda tinha muito o que aprender com eles.

Nos dias que se seguiram, o forasteiro passava horas e horas no riozinho e teve a sorte de encontrar várias pedras, mesmo sem ter as ferramentas adequadas.

Com muito carinho e cuidado, ele guardava todas aquelas pedrinhas que encontrava no bolso.

O curandeiro, muito astuto e ruim, sabia perfeitamente que TUÃ não era nenhum espírito e que o jovem José de Mitro estava por ela apaixonado,

sendo inteiramente correspondido.

Desde pequena, ele a ensinara o canto estridente das araras e teve sorte, dessas aves responderem com gritos descomuns à TUÃ, conseguindo assim muito prestígio perante os índios.

O velho curandeiro afirmava para toda a tribo que ela era a deusa das aves coloridas.

E na opinião dele, não era o José de Mitro que iria lhe arrancar este prestígio.

O velho sabia que na aldeia havia vários índios alucinados pela beleza de TUÃ, estavam apaixonados também, mais a respeitavam por ser a prometida dos céus.

Como as coisas impossíveis são sempre mais desejadas, aí é que eles gostavam mais ainda da jovem.

Chamou dois desses índios que amavam a jovem e resolveram armar uma cilada para o forasteiro.

À noite enquanto dormia, os dois índios entraram na choça de José de Mitro e lhe deram uma forte pancada na nuca.

O jovem de Mitro que dormia tranquilo, desmaiou. Em seguida o amarraram e levaram beirando rio abaixo vários quilômetros, até cansarem e o colocarem no chão.

José de Mitro já estava voltando a si, então o curandeiro que trazia

varas de marmelo nas mãos, o surrou até ficar cansado. Depois orientou que os dois índios fizessem o mesmo, com socos e pontapés.

Eles tinham amarrado a boca do jovem e por isso só se ouvia seus gemidos de dor.

O ciúme dos índios apaixonados e a ira do curandeiro eram muito grande. José de Mitro estava sangrando muito e novamente desmaiou.

Os três pegaram Mitro, ainda com muita raiva, pois o consideravam um intruso e ameaça a deusa prometida do Santuário Sagrado, jogando-o no rio.

A noite estava muito escura e eles não conseguiam ver o que havia acontecido com o jovem forasteiro dentro d'água.

Voltaram para sua aldeia em silêncio para não serem vistos e foram dormir.

Mitro desacordado com os fortes golpes, descia boiando pela correnteza abaixo, arrastando seu corpo para bem longe, cada vez mais, batendo nas pedras.

Quando estava se aproximando de um lugar onde as águas eram profundas e quase paradas, foi acordando. Sentindo fortes dores no corpo, tossia muito, viu que estava amarrado e quase se afogando. Sentiu que ia morrer. No começo se apavorou, mais depois controlando seu medo, tentou boiar até chegar em um barranco que estava bem próximo.

Conseguindo seu intuito, arrastou-se até sair d'água, ficando parado descendo na vegetação, que era muito abundante no meio do lodo.

Depois foi pensando, tentando achar um lugar seco, e foi arrastando-se para sair dali.

As fortes tiras de couro estavam cortando seu corpo, pois o velho curandeiro não tivera dó na hora em que o amarraram.

O forasteiro havia bebido muita água sem querer, mais ainda bem que eram bem limpas e cristalinas.

O cansaço e a dor tomaram conta do jovem e logo adormeceu.

Aos primeiros raios de sol do dia seguinte, acordou e mal conseguindo abrir os olhos que estavam muito inchados, sentiu seu corpo todo moído de tanta pancada, em algumas partes estava até sangrando.

Por várias vezes tentou se levantar, mas ainda estava muito tonto e fraco.

Respirou profundamente e tentou se acalmar. Tinha que conseguir primeiro se desamarrar. Suas mãos e os pés já estavam ficando roxo por falta de circulação e quase não conseguia mais mover os dedos.

Tinha que fazer algo urgente e com muito sacrifício conseguiu apoiar as costas numa enorme pedra.

Começou então a roçar numa das extremidades as tiras de couro que lhe amarravam.

Depois de certo tempo as mesmas cederam...

Suas costas estavam pegando fogo, porque sua camisa tinha se rasgado em pedacinhos, toda esfarrapada, não o protegia muito do sol.

As calças também, se re aproveitaria a parte superior.

Ao conseguir se soltar, deu um suspiro profundo e muito cansado, deitou-se tirando a última tira que ainda amarrava sua boca, quase o sufocando.

Continuou deitado, cansado e dolorido, então adormeceu, só acordando no final da tarde, muito faminto e fraco.

Ele sabia que não chegaria muito longe para conseguir alimentos.

Foi até a beira do rio e bebeu água. Estava sedento e seu corpo doía ainda mais. Achou que o melhor seria tomar um bom banho.

Entrou vagorosamente na água e deu vários mergulhos, com o corpo ardendo muito como se estivesse entrando no fogo.

O jovem era muito forte e aos poucos foi dominando a dor que era alucinante.

Andou por alguns minutos e como a sorte dificilmente lhe abandonava, achou um pé de Jatobá de frutos maduros.

No chão haviam vários deles prontos para serem devorados por um homem faminto, que agora já sorria enquanto comia e quebrava mais frutos de casca muito dura, com uma pedra.

Comia com tanta pressa e fome que chegou até a se engasgar no começo. Depois alimentou-se direito, com mais calma.

Quando terminou, no chão havia só cascas e nele um estômago satisfeito. Sentiu sede novamente.

Foi até o rio e satisfaz mais este desejo.

Já havia anoitecido e as primeiras estrelas começavam a brilhar no céu muito bonito.

O solitário e dolorido jovem olhou o céu e cheio de esperanças no coração, sentiu o vento suave na pele, que o ajudava a se sentir mais forte. Erguendo os braços para o alto, agradecendo ao Criador, como fazia seus amigos índios, adormeceu.

Enquanto isto, na aldeia dos Caiapós o alvoroço era muito grande, pois o chefe estava nervoso, irritado por não entender o desaparecimento do seu leal amigo.

Ele não aceitava que José de Mitro tivesse ido embora, sem nem mesmo se despedir dele.

Foi até a choça do forasteiro e aos poucos percebeu que algo de estranho estava acontecendo, pois suas coisas continuavam no mesmo lugar, inclusive as pedras de diamantes que guardava sempre com muito carinho e zelo.

Por várias vezes o chefe perguntou ao curandeiro se sabia de jovem.

Mas o velho calmamente respondia que não.

TUÃ chorava amarguradamente. Seu coração parecia querer explodir. Já havia se passado dois dias e a moça estava com muita saudade do homem branco e sentia medo de nunca mais poder mais ver o seu dileto.

Durante todo aquele dia ficou sem se alimentar. Estava triste , não pensava em outra coisa que não fosse José de Mitro.

No dia seguinte TUÃ amanheceu queimando em febre.

Todos na aldeia se mostravam preocupados, corriam de um lado para o outro, tentando confortar o chefe, por quem tinham a maior consideração e respeito.

Ao meio dia os tambores começaram a tocar fortemente, anunciando o início da caçada.

Só que o animal desta vez seria o jovem homem branco, que por ordens do chefe, seria procurado até ser encontrado.

Ficaram um dia e meio procurando, mais foi tudo em vão.

Mitro que agora calmamente já estava se refazendo do que lhe acontecera, resolveu voltar para onde o curandeiro havia retirado, ou seja, a aldeia dos Caiapós.

Ele sabia com certeza, que lá na aldeia o chefe, seu grande amigo, não estaria entendendo nada, e além de tudo pensava muito em TUÃ. Não poderia abandoná-la. Se preciso fosse, roubaria a jovem, mesmo sabendo

que teria toda a tribo em sua perseguição.

Ao pensar em TUÃ se animou e com o amanhecer do dia, seguiu viagem sempre beirando o rio acima, rumo ao encontro de sua amada. Ia apreciando lindos lugares, onde a natureza tinha caprichado nas belezas e encantos.

Andou algumas horas e minutos depois avistou a aldeia.

Sabendo que já estava próximo, sentou-se à sombra de uma grande árvore para descansar um pouco enquanto pensava.

Seus pés ardiam como se tivesse ainda as marcas do seu sofrimento e desespero.

Ele havia sentido na própria carne o ódio do velho curandeiro, que tinha a obrigação de ser bom, honesto e dar exemplo.

Mas era justamente o contrário de tudo isto. Apesar de ter uma idade já avançada, o curandeiro era na realidade muito perverso, com uma alma degenerada.

Naquela mesma aldeia vivia outro curandeiro bom e leal ao chefe, mas que não podia atuar porque o outro já estava naquela tribo há mais tempo e também era mais velho. Fazia os índios acreditarem que só ele sabia, podia e fazia as coisas certas.

O curandeiro mais novo era bom de coração e prestativo.

Mas o velho era mau e hipócrita. Na aldeia, TUÃ piorava cada vez

mais, ardendo em febre.

O curandeiro sabia que ela estava sentindo falta de José de Mitro, mas dizia para todos na tribo que aquilo era efeito do contato com o homem branco.

O forasteiro já estava mais animado e começou a caminhada novamente em direção ao lugar de onde o haviam arrancado.

Logo foi avistado e recebido pelos índios que sorriam em sua direção muito contentes.

Espantados ficaram quando viram as marcas que o amigo trazia no corpo e no rosto.

O chefe também foi recebê-lo e aí José de Mitro contou com todos os detalhes o que lhe acontecera, aproveitando pra explicar ao chefe que TUÃ era apenas muda. Ele já tinha conhecido várias pessoas que como ela não conseguia falar mais eram tratadas normalmente. Conseguindo convencer o chefe, que revoltado mandou chamar imediatamente o curandeiro, que no começo se recusou a vir.

Mas querendo enfrentar o chefe, que neste momento estava enfurecido e gritava muito, lhe perguntando qual tinham sido os dois índios que tinham ajudado a fazer todas aquelas barbaridades.

O velho curandeiro que era um tremendo covarde, apontou sem demora para os jovens Caiapós que nem tiveram tempo de se defender.

O grande chefe em pessoa, tocando com fúria um dos tambores, expulsou os três da tribo.

A velha companheira do curandeiro, cuspidando no chão, fincou uma flecha amaldiçoando toda a aldeia, saindo em seguida para ir junto com os três que tinham sido expulsos por terem cometido atos tão covardes com um grande amigo dos Caiapós.

Eles partiram em direção ao Inhúma e até hoje não se sabe que fim levaram os arredios.

TUÃ ao ver José de Mitro se recuperou prontamente e toda tribo comemorou com uma grande festa, tendo como motivo também a entrada do novo e bom curandeiro.

Este era bom de coração, honesto, mais humano e tinha muito mais competência que o outro.

Seu primeiro ato foi de curar os ferimentos do Jovem Mitro.

Depois da recuperação, o chefe dos Caiapós resolveu que iria dar a sua TUÃ para se unir com o seu amigo forasteiro. E assim foi. Mas havia um pequeno problema. Ele teria que esperar quase um ano, pois era o tempo necessário para vencer um ciclo que era determinado para a jovem índia se comprometer com um homem.

Teria que ser feitos muitos rituais no Santuário Sagrado.

Mitro apesar de viver no meio dos Caiapós, sentia saudades dos amigos

que tinha deixado na beira do Ribeirão Camapuã, não se acostumando também em andar semi-nú.

Com muito custo convenceu o chefe a deixar levar três índios com ele. Iria ter com seus amigos, levaria os diamantes encontrados, compraria roupas e presentes para os Caiapós. Principalmente para sua querida TUÃ.

Por várias vezes ensaiou a partida, mas seu coração desistia da longa viagem, quando pensava nela.

Então se lembrou dos vendedores ambulantes que transitavam muito naquela região do alto Taquari.

Animou-se e dois dias depois partiu levando seus dois amigos índios Caiapós.

Iria fazer o mesmo percurso de sua vinda, mais no caminho encontrou alguns dos seus antigos amigos brancos que seguiam à cavalo para o norte.

O grupo era formado por oito bandeirantes, três jesuítas e alguns voluntários, num total de vinte e três pessoas.

José de Mitro recebeu do jesuíta Vasconcelos, seu grande amigo, uma muda de roupa. De um dos bandeirantes ganhou um chapéu e do outro um velho par de botas.

Agora estava novamente vestido e gostava daquilo.

Curioso perguntou para onde estavam indo e o bom jesuíta Vasconcelos respondeu dizendo que iam para bem longe, numa região chamada Cuiabá, onde haviam descoberto várias minas de ouro.

Os bandeirantes e os voluntários estavam indo para garimpar, os jesuítas para construir uma missão para catequizar e também proteger os índios daquela região ainda tão longínqua.

O jesuíta era paulista e tinha quarenta e seis anos. Humanitário e bom, tinha Cristo em seu coração e fazia sempre o possível para ajudar os mais fracos e oprimidos. Eles não só catequizavam, como também tentavam abrandar a ambição de certos bandeirantes e garimpeiros.

Jamais os jesuítas desistiam de lutar pela Cristandade, enfrentando doenças, índios selvagens, armas de abusados bandeirantes pioneiros e tudo pela sagrada missão que tinham que cumprir com todo amor e respeito ao próximo.

Mitro estava feliz por ver seus amigos e lembrava com alegria os velhos e bons tempos.

Tomaram uma grande Purunga de vinho para comemorar.

José de Mitro não disse para os companheiros, que os índios que estavam com ele eram da tribo dos Caiapós, que viviam às margens do rio de águas tão verdes. Nem tão pouco mostrou as pedras de diamantes que carregava, pois queria muito proteger os Caiapós e sabia que se os

companheiros vissem as pedras não seguiriam para o norte e sim iriam garimpar no Riozinho.

À viagem era muito longa e além de tudo estava um sol forte e o dia muito quente.

Os cavalos eram poucos, só para carregar a carga.

Dois dias depois chegavam em Coxim, onde De Mitro foi logo reconhecido por alguns que continuavam na região que era rica de caça e pesca, sendo o garimpo também muito extenso.

Conversando com o jovem, eles disseram que seus amigos do alto Taquari tinham sofrido ataque dos homens brancos.

Chefiado pelos bandeirantes, muitos índios haviam sido mortos e outros levados prisioneiros para a Capitania de São Paulo.

Os índios que restavam, revoltados, assustados e indignados com o abuso dos brancos, se mudaram mais para o Norte, deixando um rastro enorme de tristeza, sangue e amargura.

Foi até o local, desesperado.

Chegou onde eles habitavam e constatou com um aperto no coração que tudo o que ouvira era a mais pura verdade.

Os brancos por ambição eram capazes de tudo, das mais duras crueldades.

De repente sentiu vergonha de ser um branco.

Embrenhou-se no mato e apesar de gostar muito dos jesuítas não quis mais ver nenhum deles.

O trauma provocado pelos atos bárbaros dos brancos não o deixaria nunca mais.

Os bandeirantes e jesuítas ficaram acampados vários dias esperando a volta de José de Mitro, mas em vão. Nunca mais eles tonariam a ver o jovem forasteiro.

Cansados de esperar, partiram rumo ao norte.

O forasteiro brincalhão e seus dois amigos Caiapós penetravam pelos cerrados, desviando sempre das matas fechadas.

Lembrou-se do bom e velho amigo Pablo.

Foi até o rancho onde ele morava e tinha em mente passar alguns dias lá, antes de voltar para sua amada TUÃ, que não saía da sua cabeça e do seu coração.

Ao rancho do velho Pablo estava totalmente destruído e toda a sua lavoura queimada.

No galpão onde o velho guardava seus utensílios, só restava cinzas e algumas ferramentas quase que destruídas.

Os Caiapós se animaram e começaram a juntar algumas panelas de ferro, facas, facões e outras ferramentas que não tinham mais nem o cabo.

José de Mitro sentou-se num banco rústico, certamente feito por Pablo.

Era de madeira e o assento de couro trançado, muito bem elaborado.

Colocou o rosto entre as mãos e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ele tinha certeza que Pablo havia morrido tentando defender o que lhe pertencia.

Pablo não era como os outros brancos.

Era ambicioso sim, mas também sabia ajudar quando alguém precisava dele, em qualquer dia ou hora.

Tinha amor ao próximo, que naquele momento eram os Caiapós, que como ele tinham sofrido as tormentas dos insolentes homens brancos.

Seus pensamentos foram interrompidos quando um dos seus amigos índio se aproximou lhe mostrando uma navalha, que para ele era uma novidade.

Mitro pegou-a nas mãos e viu as iniciais P.M., que significavam Pablo Moura.

Suspirou sentindo-se sufocado e triste, levantando-se do pequeno banco começou a caminhar, sendo acompanhado por seus amigos Caiapós.

Logo encontraram um monte de terra com uma cruz de Aroeira amarrada com arame.

Sentia que ali estava enterrado seu amigo, mas quis se certificar, começando a cavar o monte.

Não precisou ir muito fundo, pois logo encontrou o que procurava: o

corpo estava lá, meio decomposto. Mas a velha e surrada calça de couro que Pablo usava, permanecia.

Olhou em volta e xingou bem alto, cheio de raiva.

Especificamente não sabia quem tinha matado seus amigos, mas sabia com certeza que fora os homens brancos, alucinados pelas riquezas do imenso território brasileiro.

Entre os objetos de Pablo, o jovem De Mitro encontrou um enorme tacho, feito do mais puro ferro e pesado demais, que seria muito útil para os Caiapós de Rio Verde.

Colocou os outros objetos dentro do tacho, pegou o banquinho de Pablo, que levava para presentear o chefe da tribo, seu amigo e pai de TUÃ.

Começaram a viagem de volta, mas desviaram um pouco do curso e logo percebeu que por ali já havia passado outras pessoas.

Colocaram os objetos no chão e Mitro começou a investigar toda a área.

Viu o que jamais imaginou que iria ver um dia.

Os malvados brancos além de matarem os índios, amontoaram todos num só local e tocaram fogo em seus corpos.

A cena era de aterrorizar o mais forte dos homens.

O jovem ficou paralisado, sem ter nenhuma opção, olhava o amontoado

de ossos.

Percebeu que tinha entre eles, ossos de crianças também.

Se arrependeu de ter voltado para aquela região e sentiu que dali para a frente teria que suportar as angústias de um povo tão puro e bom. E que não mereciam aqueles sofrimentos.

Daria muito dele para saber quantos daqueles índios, teria naquele amontoado de ossos.

Sabia que muitos deveriam ter morrido na tentativa de fuga, no mato e os que sobraram tinham ido para o Norte. Mas onde? O Norte era imenso e talvez ele nunca mais os encontraria.

O jeito era voltar para Rio Verde e foi o que fez.

Chamou os amigos e partiram dali o mais rápido que foi possível.

Dois dias depois chegaram perto de um acampamento, José de Mitro esperou o anoitecer, foi até o galpão onde eles guardavam suas provisões e apanhou vários quilos de feijão e milho.

Resolveu pegar algumas peças de roupa para ele também. Ao sair tropeçou em um enorme saco de sal grosso.

Estava muito pesado, mais ele precisava levar porque não aguentava mais comer carne sem sal e seria muito valioso para ele e os índios Caiapós, pensou.

Levou então primeiro o saco de sal e depois voltou para apanhar o

que havia deixado.

Horas depois já tinham atravessado o rio com uma balsa que cegaram escondido no acampamento. Muito usada para cruzar as fortes correntezas do rio.

Aliviados pararam um pouquinho para descansar desta dura aventura. Recomeçaram de madrugada a longa caminhada.

Os índios andavam pelo instinto e José de Mitro sempre olhava para o céu, se guiando pelas estrelas e confirmando se estavam no rumo certo.

Antes de amanhecer o dia, começou uma chuva. Eles pararam novamente para cobrirem as sementes e o sal com o tacho de ferro que trouxeram do rancho de Pablo.

Se abrigaram num local próximo e ficaram esperando...

A chuva continuou por várias horas, mas assim que parou, os três continuaram a viagem, parando de vez em quando só para descansar, por causa do excesso de peso das coisas que levaram para a aldeia.

Levaram quase uma semana para voltar e assim que avistaram a tribo, seus corações palpitararam de alegria e entusiasmo. Logo todos os índios se aproximaram para ajudar no carregamento das cargas. O jovem forasteiro presenteou o grande chefe com o banquinho do seu falecido amigo Pablo, assim que chegou.

A jovem índia TUÃ o recebeu com muito entusiasmo, lhe ofertando

flores silvestres, que foram retribuídas com um belo colete de couro todo trabalhado, que o forasteiro tinha conseguido pegar no acampamento dos exploradores. Todos estavam muito felizes.

E a festa começou, mesmo com a triste notícia dos ataques que seus irmãos tinham sofrido no alto Taquari.

No dia seguinte, José de Mitro se levantou bem cedo e pediu ajuda dos índios para que consertassem as ferramentas, colocando cabos e amolando nas pedras.

Eles tinham feijão e milho. Não podiam perder a oportunidade de fazer uma bela plantação.

Acharam dois dias depois, um bom pedaço de terra, que José de Mitro teve a certeza que ali teriam uma boa colheita.

Começaram então a limpar e preparar o solo para dar início a José de Mitro, com o passar dos dias, não sabia o que era mais difícil. Se plantar tudo sozinho ou ensinar aos índios como se devia usar as ferramentas.

Mas finalmente tudo estava dando certo. Os índios foram aprendendo e depois do trabalho pronto, cuidavam muito bem de toda a plantação.

A chuva chegou nos dias certos.

Os brotos que iam surgindo deixavam os Caiapós muito curiosos e animados. Não cabiam em si de tanta felicidade.

Era uma emoção muito grande para uma raça tão humilde, simples e que até então sobreviviam com o que a terra lhes dava naturalmente, sem terem que plantar para depois colher.

O forasteiro resolveu que nunca mais iria voltar para a civilização.

Se achava muito satisfeito vivendo ali com os Caiapós.

Construiu com a ajuda dos seus amigos índios, uma espécie de casa, porque sentiu que viveria muitos anos naquele lugar e por isso precisava de um pouco mais de conforto e privacidade.

A choça que vivera até então era boa, mais não tinha nenhum conforto. Dormia na esteira, no chão e já estava cheio disto.

Fez então as paredes de barro e o telhado cobriu de sapé.

Construiu um pequeno fogão de lenha e uma cama, colocando bastante capim em cima dela e depois usando um couro para forrar.

Pelo menos agora ele tinha a certeza que dormiria melhor acomodado.

Aproveitando algumas madeiras e as ferramentas que tinha, fez também alguns banquinhos, que não ficaram como os de Pablo, mas eram bons e confortáveis.

Colocou uma porta no casebre para ter mais privacidade, porque além de tudo, iria se casar com TUÃ.

Como De Mitro era considerado amigo dos Caiapós e também um benfeitor, não houve disputas, mesmo tendo vários índios que perdiam

noites de sono por causa da linda filha do chefe. Eram seus eternos apaixonados, mas que depois do casamento teriam que respeitar tanto à ela como à José de Mitro, para o resto de suas vidas.

Durante este tempo, os Caiapós fizeram muito rituais no Santuário Sagrado, ao Grande Criador, como agradecimento.

Chegaram a conclusão que TUÃ poderia se unir ao jovem forasteiro branco. Era ele agora o protetor dos índios.

O sal que Mitro havia cuidadosamente separado para usar em ocasiões especiais, não tivera nenhuma importância até então para os índios.

No dia em que tinham chegado, os indígenas que ficaram na aldeia, haviam caçado bastante, e na festa que foi dada para comemorar a volta dos três, José de Mitro pensando que fosse agradar, salgou a carne que seria assada.

Na hora de comerem, todos da tribo estranharam o gosto da carne.

O forasteiro ficou arrasado. Os Caiapós nunca tinham provado sal e por isso passaram muito mal, tendo provocado fortes dores de cabeça e barriga, náuseas.

Toda a tribo quase morreu, por isso repugnaram o sal do José de Mitro.

O forasteiro nunca poderia imaginar que o sal iria fazer mal aos seus amigos, mas pensou: bem, sendo assim, terei sal por mais tempo, e quem

sabe depois eles se acostumam.

Sua intenção era sempre a de ajudar os Caiapós. Na época da colheita, todos animadamente ajudaram.

Depois limpavam novamente aquela pequena área, que mais tarde seria replantada.

Se esforçaram ao máximo para fazerem tudo como José de Mitro os ensinava.

Pegaram a colheita e levaram para aldeia, fazendo um pequeno estoque.

Na hora de comer o milho e o feijão, todos ficaram muito desconfiados e com medo de passarem mal de novo, como acontecera com o sal.

Mas como sempre existem os mais curiosos, mesmo entre os índios, os mais jovens pegavam o milho e experimentavam. Depois eles sorriam como se tivessem gostado e incentivavam aos outros comerem também.

Acharam o milho interessante e gostoso.

O mesmo não aconteceu com o feijão. No início o jovem forasteiro caprichava mais até, colocando alguns pedaços de carne de capivara dentro, mas eles não queriam comer de jeito nenhum.

Mitro era muito insistente e todos os dias cozinhava o feijão, no fogão que tinha feito, levava para o meio da aldeia e comia na frente de todos.

Um dia por curiosidade, alguns Caiapós resolveram comer o tal feijão e aos poucos foram se familiarizando com aquilo e aceitando comer todos

os dias também, o alimento que era tão nutritivo.

Assim teve início as plantações e com o passar do tempo, iam aprendendo cada vez mais com o homem branco.

Começaram a construir suas habitações com mais segurança, cuidado com o telhado e tudo mais. Assim ficavam mais protegidos na época de fortes chuvas na região.

E a vida na aldeia corria franquia, em paz com tudo e com todos.

O Rio Verde era a grande fonte de vida dos índios Caiapós, onde costumavam passar horas e horas se banhando para evitar o calor.

Quando estavam no rio, pareciam crianças. Estavam sempre brincando com elas e como elas.

Tudo na tribo estava preparado para uma grande festa no Santuário Sagrado, onde deveria acontecer a união da jovem TUÃ e o forasteiro amigo, José de Mitro, vindo da Capitania de São Paulo.

Deveria ser a mais bonita, pois era filha do chefe dos Caiapós que estaria se casando. A mais bela índia da tribo.

A entrega seria de corpo e alma.

Mas para a cerimônia o jovem José de Mitro teria que ficar como seus amigos índios: Nu ou de tanga.

De início o forasteiro quis se opor. Ele achava normal os indígenas andarem daquele jeito, mas ele era um homem branco.

Não conseguiria ficar nu na frente de ninguém, mesmo com os índios andando assim constantemente.

Ele sabia que os índios não tinham malícia, como os brancos em relação à nudez.

Mas logo elaborou um plano para poder se unir com sua dileta, TUÃ.

Combinou com o curandeiro, que era muito bom e compreensivo, que usaria uma bonita tanga de couro de onça e um enorme penacho branco.

O curandeiro concordou e José de Mitro começou então preparar tudo o que havia prometido.

O penacho foi feito bem comprido, de penas brancas como ele queria e a tanga ficou muito bonita também.

Como o jovem tomava muito banho no rio, estava tão bronzado que sua cor quase se igualava a dos índios, seus amigos.

Até que finalmente chegou o grande dia da cerimônia da união dos jovens apaixonados.

Ele, o amigo fiel dos Caiapós e a jovem índia, fiel amiga dos animais, principalmente dos pássaros.

Que agora em plena liberdade, quando ia aos lugares mais atestados, todas as aves a seguiam em bandos. Ficando ainda mais bonita a jovem com aquele colorido das penas atrás dela.

José de Mitro se acostumara com tanta felicidade, convivendo com os

Caiapós, que às vezes até se esquecia que era homem branco.

Tentava por todos os meios apagar de sua memória a civilização em que tinha vivido e todo o seu passado.

Estava decidido a não vê-los nunca mais, apesar de aceitar que os brancos estavam certos em querer enriquecer, mas não às custas do sofrimento dos índios capturados para o trabalho escravo.

No dia da cerimônia, Mitro deveria amanhecer no Santuário Sagrado, se banhar com óleo de anta e beber três goles de uma mistura feita com mel e ervas amargas, que davam boa fertilidade ao casal no costume indígena, preparado pelo curandeiro com muita dedicação.

No peito teria que passar mel e na testa também, o que significava brandura, seriedade e amor.

O curandeiro pintou o rosto do forasteiro com várias listras vermelhas e amarelas.

Colocou o lindo penacho branco em sua cabeça. O jovem já estava vestido com sua tanga de couro.

De Mitro estava muito nervoso, esfregando as mãos e andando de um lado para o outro.

O curandeiro pediu então que sentasse numa grande pedra, ficando ao lado dele para tentar acalmá-lo.

Mitro suspirou profundamente...

Ali permaneceram por mais alguns minutos, até que o sol começou a despontar no horizonte e alguns índios ia se aproximavam do local, trazendo muita carne para fazerem a grande festa.

Todos se esforçaram ao máximo para que nada faltasse, a final era a filha do grande que se uniria ao melhor amigo da tribo dos índios Caiapós.

Aquilo era inédito: um homem branco se casando com uma índia. Horas depois chegava o chefe acompanhado de toda sua tribo.

Os tambores agora mais bem feitos com os ensinamentos do jovem, ecoavam no ar o som de festa e alegre, de uma raça que só queria viver em paz.

Transmitir aos seus filhos e netos sua cultura e credences. A cerimônia foi então realizada.

TUÃ estava feliz em toda sua pureza d'alma. Gritava toda sua alegria para todos e para tudo.

José de Mitro que jamais no passado poderia imaginar que viveria com os índios, estava agora satisfeito por se unir com aquela jovem, que era considerada a mais bela de todas da tribo.

E pensou que mais cedo ou mais tarde teria filhos com sangue dos índios Caiapós nas veias.

Sempre sorrindo se aproximou do grande chefe, agora seu sogro e o

abraçou, deixando o velho ainda mais contente e comovido.

Antes do anoitecer a tribo se retirou para que o casal permanecesse à sós, no Santuário Sagrado.

TUÃ se harmonizava tanto com a natureza, que ali ficaram durante uma semana.

José de Mitro não precisou pegar sua dileta no laço, porque a mesma não correu.

Esperou com ansiedade, que seu predileto se aproximasse, com toda ternura que podia transmitir.

O seu amado foi terno e gentil no primeiro dia e em todos os que seguiram, enquanto viveram juntos.

Dez anos se passaram...

Os Caiapós continuaram em paz na aldeia.

TUÃ era mãe de duas lindas filhas e vivia feliz com seu companheiro branco, que respeitava muito e que também era respeitado por ela. Tratava-o sempre com muito carinho e ternura, tendo todos os seus sentimentos retribuídos.

Mas um dia enquanto caçava, José de Mitro ouviu um barulho diferente e foi verificar para ver o que era.

Ficou surpreso ao certificar-se que havia homens brancos garimpando no Riozinho, que os índios chamavam de Uruatã. De lá enxergava o lugar

onde mais tarde, este lugar ficou sendo conhecido com o nome de Portão de Roma, por causa de uma grande fenda existente na Serra, por onde passavam quem nunca deveria cruzar aqueles limites.

O forasteiro tentou por várias vezes contar quantos garimpeiros tinham ali acampados.

Sentia que precisava fazer algo urgente, pois toda sua tribo corria um enorme perigo.

Notou que os homens estavam fortemente armados e percebeu também que eles tinham naquele dia ali para acampar.

Tinha certeza que eles sabiam da existência de pedras preciosas e não sabia mais o que fazer, tinha que pensar...

Resolveu voltar para sua aldeia e avisar ao chefe, pedindo que fossem todos retirados dali, para bem longe o mais rápido possível. E quanto mais longe, melhor.

O chefe calmamente organizou um grupo de trinta índios guerreiros armados com arco e flechas para protegerem os outros enquanto se retiravam da aldeia.

TUÁ estava muito aflita e sentia seu coração palpitar fortemente. Tinha medo de perder seu companheiro tão amado. Foi com muita insistência que seu pai, o grande chefe, a convenceu de ir junto com os outros da tribo se refugiarem no Santuário Sagrado.

O lugar onde ficava aquela grande aldeia, agora estava totalmente vazia e abandonada. Não se via nenhum sinal de vida ali.

José de Mitro já estava à caminho do Riozinho para tentar proteger a tribo, levando com ele, seus amigos guerreiros.

O jovem forasteiro pediu aos índios que fossem cautelosos, mais do que era do seu costume, porque as armas de fogo matavam sem piedade quando estavam sendo usadas pelas mãos dos homens brancos, que eram cruéis e desumanos. Quando estavam a procura de riquezas, não tinham amor a nada e a ninguém, ambicioso, eram capaz de matar até seus próprios irmãos brancos.

Pediu que um dos índios farejadores o acompanhasse deixando os outros índios escondidos.

Mitro sabia que os Caiapós eram pacíficos e não estavam acostumados com a guerra.

Rastejou com cuidado e chegou bem perto dos brancos que estavam acampados e garimpavam com animação.

Infelizmente aquele lugar era cravejado de pedras. Mitro entristeceu muito com o que via.

Olhou tudo ao redor e percebeu que eles eram muito e estavam bem armados.

Precisava pensar direito no que iria fazer e teria que ser rápido.

Sabia que nos acampamentos de garimpo, tinham os homens vasculhadores, que percorriam quilômetros e quilômetros da área que paravam para garimpar.

Olhou para o céu, coçando a cabeça preocupado e voltou junto dos Caiapós, que assustados falavam juntos e ao mesmo tempo.

José de Mitro pediu calma e resolveu fazer um plano de ataque para combater os garimpeiros.

Ao cair da noite iria com mais dois rastreadores e roubariam armas dos homens. Seria o primeiro passo e teria que dar certo.

Era uma missão muito difícil, mas a tribo dependia deles.

À noite não haveria guardas, porque os homens estariam cansados demais por causa da viagem e do dia trabalhando no sol forte carregando ferramentas e alimentos.

Quando José de Mitro e seus dois amigos chegaram, todos dormiam calmamente, como se fossem pedras.

Pegaram todas as armas e mais algumas ferramentas que puderam carregar e que serviriam de armas para os Caiapós.

Se juntaram depois com o resto dos índios que esperavam para por em prática a segunda parte do plano traçado por De Mitro.

Todos voltaram ao acampamento, onde os garimpeiros ainda dormiam tranquilamente e fizeram um grande círculo em volta deles.

Foram amarrando um por um e depois esperaram o amanhecer.

Os garimpeiros surpresos e assustados, se dirigiam ao jovem branco perguntando quantos índios existiam ainda na região.

Gaguejando um pouco, o forasteiro lhes disse que tinham muitos. Mais de cinco mil e que eram todos selvagens e alguns até canibais.

Aos primeiros raios de sol os garimpeiros foram ameaçados de morte e obrigados a caminhar, mesmo amarrados, muitos quilômetros para bem longe dali. Sendo escoltados pelos Caiapós e José de Mitro até escurecer o dia.

Desta data em diante, sempre ficava de guarda no local, índios guerreiros selecionados com cautela, para vasculhar toda área e cuidar para que não houvesse nenhum intruso para atrapalhar a felicidade da tribo Caiapó.

No dia seguinte, todos mais calmos, retornaram para aldeia.

Vários índios temerosos queriam ir para bem longe, onde raiavam que não seriam incomodados pelos homens brancos.

Tinham medo de perder toda aquela paz que estavam habituados a ter na aldeia.

Uns partiram para o Pantanal e outros foram parar na Serra da Pimenteira que se alongava até o Rio Negro.

Os que ficaram na aldeia, infelizmente tiveram que presenciar ainda a

presença de alguns garimpeiros, mas que eram pacíficos.

Anos depois José de Mitro foi ferido em um combate com forasteiros, onde morreram alguns índios Caiapós.

Os brancos vinham em busca das pedras existentes em abundância no local.

Mais uma vez os exploradores foram expulsos com sucesso.

Sabe-se que TUÃ e José de Mitro viveram muitos anos felizes com duas filhas.

Uma delas tinha a pele alva, era alta e tinha os olhos claros como o pai. Seu nome era: Tainã.

A outra era cópia fiel de Tuã.

Nascera muda também e assim como sua mãe, gritava como as coloridas Araras.

Pele morena e macia, com os cabelos negros e ligeiramente ondulados, era a filha mais nova. Seu nome: Tuanã.

Ambas muito cedo se uniram com seus diletos.

A que se parecia com o pai, foi levada por seu companheiro para viver perto do grande rio, em paz.

Tuanã permaneceu na aldeia convivendo com seus pais, com o seu escolhido e tiveram muitos filhos.

O grande chefe viveu ainda muitos anos para ver e abençoar seus

netos e bisnetos.

O jovem José de Mitro ficou legendário entre os Caiapós por causa dos seus grandes feitos, enquanto com eles conviveu.

José de Mitro morreu aos noventa e três anos, de velhice e TUÃ foi sua companheira fiel até a morte.

Dois dias antes de morrer, José de Mitro e TUÃ embrenharam-se nas matas e nunca se soube o que acontecera a TUÃ, nem mesmo seus mais fiéis amigos.

Seus gritos que se confundiam com o canto dos pássaros, se perdeu no tempo, mas não na memória dos Caiapós.

E até hoje, quando se ouve os gritos das araras que voar sempre em bandos, alguém olha para o céu e diz que as aves estão procurando por TUÃ, a filha mais querida do chefe dos Caiapós e fiel amiga dos animais.

Introdução

Como sabemos, os índios Caiapós foram os primeiros habitantes da região que compreendia o município de Rio Verde de Mato Grosso e Coxim.

Ainda existem na nossa cidade, alguns descendentes, que fugiram do progresso e foram morar afastados.

Fizeram amizade com alguns fazendeiros e ali permanecem até hoje.

A lenda dos Caiapós, foi uma forma de homenagear os nossos índios. Buscando no passado, suas raízes, seus feitos, hábitos e tradições.

Lenda

É uma tradição oral ou uma narrativa popular, que envolve acontecimentos fantásticos; História fabulosa, conto.

As lendas são histórias que um povo conta, fazendo parte uma tradição popular.

Os pais contam para os filhos, e os filhos contam para os netos os netos contam para os bisnetos, e assim por diante.

Ao longo dos anos, elas passaram a fazer parte do folclore.

Os fatos narrados, às vezes de fundo histórico, é de grande importância. Sendo muitas vezes aumentada pela imaginação popular, adquirindo um

caráter maravilhoso, fantástico, cuja finalidade é enobrecer a nossa cultura.

As lendas brasileiras, foram na sua maioria, herdadas portugueses, dos negros e dos índios.

As lendas, segundo Barbosa Rodrigues, um exemplo cultural, ser grandioso, da literatura, é uma tradição viva do pensamento do nosso povo e desenvolvimento intelectual das épocas e suas origens.

Precedentes da Capitania de São Paulo, no século chegavam os bandeirantes. Visando a apreensão dos Silvícolas e também procura de ouro e pedras preciosas.

Como é de nosso conhecimento, os bandeirantes tinham negócios lucrativos na venda de nossos índios.

Os bandeirantes e garimpeiros, penetravam pelos nossos rios procura de fortunas.

Camapuã era ponto principal das grandes transações comerciais.

Vinham pelas águas do Rio Pardo, passavam por Camapuã, onde se abasteciam, depois seguiam pelo rio Coxim e chegavam ao Taquari.

Este trajeto ajudou muito aos índios de nossa região prejudicando os índios do alto Taquari.

Os bandeirantes sabiam que nesta região havia muitos índios e que era riqueza na certa, capturá-los para vender em São Paulo.